



Assembleia Constituinte do Estado do Paraná

COMISSÃO DA ORDEM ECONÔMICA E SOCIAL

ATA DA 3ª REUNIÃO ORDINÁRIA

Aos sete dias do mês de março do ano de hum mil novecentos e oitenta e nove, no Auditório Luiz Gabriel Sampaio, reuniu-se a Comissão Temática da Ordem Econômica e Social, sob a Presidência do Senhor Deputado Constituinte Rafael Greca de Macedo, com a presença dos Senhores Deputados-membros da Comissão, bem como, a presença do Senhor Primeiro Vice-Presidente da Assembleia Constituinte Estadual, Deputado José Afonso Júnior, a do Senhor Relator da Comissão Constitucional, Deputado Caito Quintana e a dos Senhores Deputados Algaci Túlio, Neivo Beraldin, Valderi Vilela, Nereu Massignan e Paulino Dellazeri. Havendo número legal, o Senhor Presidente declarou aberto os trabalhos da presente Reunião de Audiência, com a pauta relativa ao DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO E SOCIAL NO PARANÁ, e com a presença dos seguintes convidados palestristas: Dr. Ruy Wachowicz Professor e Historiador; Dr. Francisco Borja de Magalhães, Secretário de Planejamento do Estado do Paraná; Dr. Jaime Lerner, Prefeito da Cidade de Curitiba; Dr. Deni Schwartz, Ex-Ministro do Desenvolvimento Urbano e Ex-Secretário dos Transportes do Estado do Paraná; Dr. Cesar Muniz Presidente da Associação Nacional de Entidades Promotoras de Empreendimentos de Tecnologias Avançadas; Dr. Wilson Thiesen, Presidente da Organização das Cooperativas do Estado do Paraná; Dr. Paulo Carneiro Ribeiro, Presidente da Federação de Agricultura do Estado do Paraná; Dr. Ricardo Resende, Presidente do Sindicato dos Produtores de Alcool e de Açúcar do Estado do Paraná; Dr. Eliseu de Paula, Presidente da Associação dos Produtores de Alcool e de Açúcar do Estado do Paraná; Dr. Carlos Arthur Passos, Presidente do Conselho Federal de Economia e Sra. Rosa Moura, Técnica sobre Política Urbana da Coordenadoria da Região Metropolitana de Curitiba. Todos os pronunciamentos desta reunião encontram-se em notas taquigráficas traduzidas, que passam a fazer parte integrante desta Ata. O Senhor Presidente agradeceu a presença de todos e a contribuição prestada pelos Senhores palestristas à Assembleia Constituinte Estadual, convidando a todos para a Reunião de Audiência a ser realizada no próximo dia 08, a partir das 14:00 horas, no Auditório Luiz Gabriel Sampaio, dando continuidade à pauta relativa ao DESENVOLVI



Assembleia Constituinte do Estado do Paraná

MENTO ECONÔMICO E SOCIAL NO PARANÁ. Nada mais havendo a tratar, o Se
nhor Presidente declarou encerrado os trabalhos da presente reunião, -
da qual, para constar, eu José Olimpio Sotto Maior de Macedo, Secretá-
ri, lavrei a presente Ata, que depois de lida e aprovada, será assinada
da pelo Senhor Presidente e por mim, para que se produza os efeitos legais.-----

DEPUTADO RAFAEL GRECA DE MACEDO
Presidente

José Olimpio S. Macedo
Secretário

COMISSÃO DE ORDEM ECONÔMICA E SOCIAL

O SR. PRESIDENTE (RAFAEL GRECA) - Nós vamos dar início às audiências Públicas da Comissão Temática de Ordem Econômica e Social, que tem objetivo de colher subsídios para a elaboração do texto Constitucional do Estado, claro que adequado à Constituição Federal, mas com base na realidade do Estado. Então, esse primeiro painel é sobre o desenvolvimento econômico e social do Estado do Paraná e para ele foram convidados o Professor historiador, Doutor Ruy , que vai nos fazer uma memória histórica da economia paranaense; o professor, Doutor Francisco Borba de Magalhães, que é o Secretário de Planejamento do Estado, que vai dar a visão de futuro para o desenvolvimento econômico e social do Paraná; o urbanista e Prefeito da cidade de Curitiba, Doutor Jaime Lerner, também vai falar da sua visão de futuro; O Doutor Cesar Muniz, Presidente da Associação Nacional de entidades promotoras de empreendimentos de tecnologias avançadas; O Doutor Wilson , Presidente da Ocepar, Organização das Cooperativas do Estado; O Doutor Paulo Carneiro Ribeiro, Presidente da Federação de Agricultura do Estado do Paraná; uma representação do Sindicato de produtores de álcool e açúcar, a pedido do Deputado da região Noroeste; Deputado Antônio Costenaro; o Doutor Carlos Artur Passos, que ^{vem} ~~se~~ ~~está~~ de ter sido eleito Presidente do Conselho Federal de Economia, que era até ontem o nosso Presidente do Iparde; o Doutor Manoel Nunes, por sugestão do Partido dos Trabalhadores, da coordenação da região metropolitana da grande Curitiba.

Então, eu vou passar a palavra para o Doutor Ruy , para informação da Assembléia e dos senhores Deputados sobre a economia paranaense, como ela se formou e como ela se desenvolveu, chegando ao estágio atual.

O SR. PRESIDENTE (RAFAEL GRECA)... estágio atual.

O DOUTOR RUY - É claro que eu vou falar na qualidade de de historiador, como não podia / deixar de eu ser. O Paraná é um assunto que há mais de 20 / anos é um problema meu de cabeça, de forma que vou falar de improviso e que é meu assunto de cada dia.

O território paranaense, se vocês o lherem a história do Brasil, nós vamos encontrar que no século XVI e metade do século XVII, na faixa de 150 anos desde que Cabral aqui chegou, foi um território praticamente / abandonado, esquecido pelos portugueses. Por quê? Porque / geograficamente ele está localizado longe das grandes rotas marítimas, a rote da Península Ibérica ia para o Prata, passava longe no mar, não havia atrativo econômico para atrair os portugueses para o território, hoje paranaense. Então, / houve um condicionamento geográfico nos primeiros tempos de ocupação de nosso território, nós estávamos mais para o Paraguai do que para o mundo Português, e a prova disso é que os Espanhóis é que começam ocupar inicialmente o território paranaense, em sentido contrário que os portugueses iniciaram; os Espanhóis começam do Oeste para Leste, os portugueses ao contrário do litoral, em direção ao interior.

Os portugueses só começam a se interessar por esse território, quando aqui descobrem o primeiro ouro do Brasil, litoral Sul de São Paulo, Iguape, Cananéia, Paranaguá, planalto curitibano, aí mudou de figura, / os portugueses começam aqui chegar, de preferência oriundos de São Paulo, do litoral de São Paulo e do Rio de Janeiro, à procura deste vil metal...

O SR. PROFESSOR RUY-...deste vil metal, e é tão vil que todo mundo dorre atrás .Primeiro ouro no Brasil-os espanhóis já tinham encontrado ouro , prata, pedras preciosas acumulados em depósito pelos Incas, pelos Astecas e pelos Maias; e os portugueses, nada; dividiram o mundo de forma errada , segundo a opinião deles, porque que , que a Espanha já tinha tudo pronto , e Portugal encontrava o quê por aqui ? Mata e índio semi-nú.

A presença do ouro em nosso território , mudou a primeira orientação de ocupação do nosso território; aí surge ~~Z~~Paranaguá, aí surge Curitiba, São J^usé dos Pinhais e outros pequenos grupos / no planalto que com o tempo vão desaparecendo.

O ouro foi o 1º estímulo, só que este ouro deu "chagô", não é ? Começou a organização de uma sociedade , e esta sociedade quase que desapareceu porque ele foi pouco, muito pouco. Quando estavam transmitindo pela televisão as exéquias do Tancredo Neves, aparecia aquela matriz de São João d"el Rei, dentro, forrada de ouro, e a gente / ficava pensando: puxa vida, este barroco bem que podia ter ocorrido aqui no Paraná, mas, é que láá o ouro foi suficiente para desenvolver até correntes literárias; e aqui , o nosso ouro foi apenas o móvel inicial para a ocupação desse território.

No século xvii (dezssete) , nas últimas décadas do século dezessete o Paraná é ocupado por estes luso-brasileiros , a procura do ouro .Este ouro escasseou.Mas, este ouro foi o suficiente / para o surgimento do 1º governo , no Sul do Brasil. O 1º governo no Sul, hoje nos Estados do Sul, surge justamente em Paranaguá.De / 1660 a 1710 existiu a capitania de Paranaguá.E o Paraná teve tudo para ser o Estado líder do Sul do Brasil; não o foi devido a essa pobreza deste filho de ouro.

Século dezoito ou século que esta sociedade que nasceu do ouro vai vegetar; ela mal desaparece por teimosia. Há Atas da Câmara Municipal de Curitiba , que fala na miserabilidade da população. A população era realmente pobre , e andavam como gentio, quer dizer, na pobreza sua misturavam-se com os índios.

Até sal era difícil de ser adquirido pela população, por falta de condições econômicas. Mas, no século dezoito surge um novo elemento extra região, que vai estimular a ocupação e a sedimentação desta pequena sociedade que nasce em Paranaguá e Curitiba.

Foi justamente a necessidade de ligar o Rio Grande do Sul, que já nesta altura do século dezoito está sendo ocupado com as Minas Gerais. Nesta época não há mais capitania de Paranaguá; em 1710 ela foi extinta; e o nosso território foi incorporado por aqueles que sussurraram aos ouvidos de Lisboa, para desativar aquele governo, porque não conseguia sobreviver economicamente. E São Paulo nos incorporou.

O Paraná nasce pelas suas próprias pernas, e depois devido a falta de base econômica, ele é ligado a São Paulo; perde o seu governo regional autônomo. Daí sobressai-se o Rio Grande do Sul.

Com o ouro das Minas Gerais ninguém ia para as Minas Gerais para trabalhar na Agricultura; para produzir ~~subsistên-~~ subsistência, Eles iam para lá, os portugueses e levavam os seus escravos, etc, para produzir ouro. Quer dizer, a grande fase do Brasil colônia tem por bem estar de Lisboa,

Era preciso abastecer Minas Gerais, e Portugal tem uma decisão de olhar no conjunto da administração portuguesa, bastante sábia. É proibido criar moares no Brasil; moares, se entenda por ~~Excetuaram-~~ burros, ~~Excetuaram-~~ se duas regiões, o Nordeste, onde o jegue até hoje é o símbolo, quase da região; deram lá para o Papage nem ele quis levar, porque não entrava no avião.

E o Rio Grande do Sul. Por que o Rio Grande? Nordeste não nos interessa, porque não há ligações tão íntimas. O Rio Grande nos interessa, por que? Porque o Rio Grande vai produzir esses moares, ou vai comprar esses moares na Argentina, vai produzir gado bovino, para ...

O SR. RUY WACHOWICZ.-...bovino para abate e consumo que tem mercado garantido em Minas Gerais. É obrigatoriamente este gado tem que passar pelo Paraná. Vai passar por onde? Pelas florestas do Sudoeste, fechadas, do Norte e do Oeste? Não. Vai passar por onde tem campos, passa pelos Campos Gerais. Os Campos Gerais são ocupados no Século XVIII. Dois terços dos Campos Gerais não foram ocupados por indivíduos que vieram de São Paulo. Notem a pequenez da nossa sociedade de então. É gente que vem de São Paulo, de Santos, alguns do Rio de Janeiro. Ali de Jaguariaíva, Pirai, até Ponta Grossa, a ocupação veio de São Paulo. Os campos próximos de Curitiba já são produtos de nossa sociedade local: Palmeiras e Lapa.

Acho que todo o mundo já deve ter ouvido de como a Lapa forneceu líderes políticos para a nossa história regional. Mesmo há pouco tempo atrás, Desde reitores da Universidade, políticos, deputados, governadores, etc. não é de se estranhar, porque a Lapa é uma continuação de Curitiba. Quer dizer, a proximidade de Palmeiras também. As grandes famílias dos Campos Gerais elas surgem majoritariamente de São Paulo, mas estas famílias mais próximas, ~~em~~ que vão abrir sesmarias e fazendas de criação, elas estão ligadas a Curitiba. De qualquer forma, a ocupação dos Campos Gerais é a primeira necessidade no Paraná de entrosar, aculturar populações de fora com os ~~indú~~ ~~os~~ principais. A primeira integração cultural decorre no Século XVIII, entre ~~em~~ paulistas, dos Campos Gerais, vão com o correr do tempo, se incorporar na sociedade que vamos chamar já de paranaense. E esta sociedade que nasce nos Campos Gerais vai obter o domínio político da Região. No tempo do Império é ela que vai fornecer apoios políticos. São os Campos Gerais que dão as diretrizes políticas. O Presidente da Província é nomeado de fora, mas quem faz a política interna são basicamente estas famílias dos Campos Gerais do Paraná. E é ali que recebendo esta influência que vem do Rio Grande, lá vem o tropeiro do Rio Grande, o "leite quente", "barbaridade", a influência do Rio Grande começa a se fazer sentir no Paraná já no Século XVIII. Esta pronúncia tradicional do Paraná Velho, ou do chamado Paraná Tradicional também, é a influência do Rio Grande, a influência latina.

Esta pronúncia desenvolve-se na Região, porque esta sociedade vai ter características próprias, mas fortemente influenciadas pelo Rio Grande, sendo a maioria oriunda de São Paulo. Notem que no Paraná já começa a nas-

cer uma confluência de várias correntes. Já no Século XVIII. E durante o Século seguinte ocorre esta incorporação desta sociedade dos Campos Gerais ao todo do Paraná.

Esta Sociedade dos Campos Gerais é também uma sociedade pobre.----- quando aqui passou, em 1820, já fala que as casas eram simples, não havia mobiliário mais aprimorado, as paredes são caiadas, nada mais, os bancos rústicos na sala para sentar. Apenas ele encontrou alguma arte na confecção dos tecidos que cobriam as ~~XXXXX~~ ^{camas, dos} leitos, aí eles caprichavam um pouco mais.

Neste Século XVIII, portanto, o Paraná está em contato com o Rio Grande, está em contato com São Paulo e o tropeirismo se desenvolve. Na época falar em tropeiro era falar em gaúcho e paranaense. Na época usavam o termo curitiba no. Isto o próprio Simonsen, não o atual, o pai dele, historiador, que nos revela. Neste Século XVIII, devido à esta pequenez desta sociedade, ela era tímida, ela não tinha uma personalidade bem definida e forte, o Paraná perde uma das grandes chances históricas, do ponto de vista econômico. Portugal mantinha a duras penas a Colônia de Sacramento, hoje em território uruguaio e permite que abra o comércio livre com a colônia de Sacramento e os paranaenses, os curitibanos, não se preocuparam em colocar seu maior produto econômico que era a erva-mate. O primeiro historiador do Paraná "puta a orelha" dos curitibanos. Não houve interesse. Houve possibilidade deste comércio, mas não houve colocação de erva-mate no Prata. E as chances existiram. Isto demonstra de que esta sociedade era um pouco tacaanha, faltava-lhe uma visão maior.

Veio o Século XIX. O Brasil torna-se independente em 1822. O Paraguai também tornou-se independente. Os paraguaios, -não vamos entrar no mérito, proibem a exportação de erva-mate para a Argentina. Quase que um suicídio. Suicídio econômico raramente cometido e nunca cometido. Os paraguais cometeram. Um mercado sedento de erva-mate vai procurar erva-mate onde for possível, onde exista. Souberam que aqui no Paraná, em Curitiba, a erva-mate era nativa. E veio para o Paraná Francisco Del Zagarai(?). Este vai ensinar os paranaenses a maneira de se fazer erva-mate. Ele nos ensinou a produzir erva-mate. E o Paraná a partir dele, em 1820, quando ele chegou em Paranaguá, começa a se tornar a terra do mate. Tudo passou a ser verde. Mais tarde até a nossa bandeira.

A erva-mate vai preparar a base econômica para a reemancipação política de 1853. Isto porque tínhamos Governo próprio até 1710. Sem o mate não haveria a emancipação da quinta comarca de São Paulo. Ela vai ser o sustentáculo

econômico. E o mate vai dar uma característica, um condicionamento histórico, ao paranaense; pelo menos do Paraná Tradicional. Afastado dos grandes centros políticos, um pouco acostumado a frequentar a Corte, e nós estamos numa Casa de Políticos sabemos que sem Políticos, sem a proximidade do Poder, não se consegue nada, ou quase nada. E o paranaense vai estar economicamente voltado para o Prata e politicamente à Corte do Rio de Janeiro. Ele está dividido. Tenho impressão que o Paraná, que recebeu mais condicionamentos que o Prata, nos deu, do que o próprio Rio Grande. O ~~Governo~~ Rio Grande é tratado na "palma da mão" pelo Governo português e depois pelo Império. Até agora, quando o Governo do Rio Grande quer "bater o pé" e consegue. É uma tradição da política brasileira. Por quê? Porque economicamente estavam voltados para São Paulo, ou para Minas, ou para o Rio. A produção deles de gado ~~era~~ tinha como centro o consumidor, o restante da Colônia. E o Paraná não. O Paraná vai depender do mercado de Buenos Aires. Tenho impressão que isto teve grande influência na formação do nosso comportamento.

No Século XIX vem a corrente emigratória, substituição do escravo pela mão-de-obra livre, assalariada. Seguimos as linhas gerais da política emigratória aplicada no Rio Grande e Santa Catarina, e em São Paulo havia as "plantations" de café. Desenvolve-se em torno de Curitiba a política de Lamenha Lins, de criar pequenos núcleos produtores de abastecimento. Curitiba desde 1850, foi uma época de crise, a primeira grande inflação brasileira é desta época, desde então Curitiba nunca mais teve crise séria de abastecimento, devido à esta política adotada por Lamenha Lins.

Passamos os meados do Século XIX, fim do Século XIX. Aí acontece um problema de ocupação territorial de grande significação. Até dois problemas. Um é o conflito de limites com Santa Catarina, problema do Contestado, onde os legisladores quando criaram a Província do Paraná cometeram o erro de não definir suas fronteiras, isto vai gerar um problema seriíssimo no Paraná, que vai ficar voltado demais para o Contestado, que ficou de costas para o Norte de seu próprio território. No final do Século XIX, ainda nos tempos do Império, como em Minas Gerais havia crise econômica séria, os mineiros também se transformam em tropeiros e vem buscar gado no Rio Grande. E conhecem as terras do que chamamos hoje Norte Pioneiro. Foram os mineiros os primeiros a se estabelecerem no chamado Norte Velho, Norte Pioneiro. São José do Cristianismo, -hoje não existe mais, São José da Boa Vista está

lá, Jacarezinho, Santo Antonio da Platina, Tomazina, foram famílias patriarcais, de 100, 200 pessoas, com escravos, e ali se estabelecem. Depois é que virão os paulistas. Não foi o café que trouxe estas famílias para o Norte Pioneiro. Eles vão produzir subsistência e suinocultura. O café só vai aparecer no Norte nos últimos anos do Século XIX e nos primeiros do Século XX. Por quê? Porque São Paulo fez correr nas proximidades à Sorocabana. Foi possível atingir o Porto de Santos de forma mais econômica. Enquanto a Sorocabana não chegou, a região não produzia café. Por ferrovia.

O Paraná não tinha poderio econômico para abrir comunicação boa na época, ou uma boa rodovia. Mas na época a moda ainda era ferrovia. Então o Norte, ocupado inicialmente por mineiros, depois por paulistas, ele vai ser canalizado, e sua produção vai para São Paulo. E o próprio Estado de São Paulo desenvolve uma teoria, em que onde há café lá há São Paulo.

O Brasil também atravessou um período difícil no início do Século XX, onde os Estados queriam hegemonias quase que totais e este desejo desembocou também em anseios separatistas. A Revolução de 32, em São Paulo, teve também no seu bojo, sentimentos separatistas. Aí surge o tradicional slogan: São Paulo é uma locomotiva que puxa vinte e um vagões, só que vazios. Segundo eles. Os engenheiros de São Paulo desenvolveram até um símbolo deste imperialismo paulista interno: a mão enxada aberta. Cada dedo é um Estado. Rio de Janeiro, Minas, Goiás, Mato Grosso, Paraná. E o Paraná ainda é o dedo menor.

Este desejo permanece praticamente até a Revolução de 32. Na Revolução de 32 os paulistas abandonaram este ideário.

O Norte Novo, a base da ocupação vão ser os ingleses. Por que os ingleses vieram para o Paraná "plantation"? Não é porque eles queriam desenvolver a Região. É porque os ingleses tiveram problemas no Norte do Iraque. Notem como o mundo já está se tornando uma aldeia global. Duvido que tivessem cem paranaenses na época que soubessem quem eram os curdos e onde habitavam na época. Mas os ingleses tinham problemas com os curdos no norte do Iraque, eles descobriram lá petróleo e estes curdos até hoje são problemas no Iraque e resolveram limpar a área. Custava caro manter um produto, um sistema de inteligência, manter polícia secreta para manter a ordem na região petrolífera. Então veio a idéia de mandar para as terras que eles tinham comprado no Sul do Brasil, no Norte do Paraná. O Governo do Getúlio deu seu aval. Salgado Filho já assinou o Contrato (?), com a permissão do Getúlio

lio e daí deu a gritaria. A importância de uma Constituinte na História de um País era a Constituinte de 34. Os advogados em Curitiba estavam reunidos em caráter permanente. Na época isto era uma coisa só para a elite. Até hoje assim o é. Só que hoje os meios de comunicação parece que divulgam mais. E na época havia uma outra queluche, um novo meio de comunicação, a PRB2, se não me engano a segunda, ou terceira emissora comercial do País. Então os advogados aproveitaram esta coqueluche, este novo meio de comunicação. Todo o mundo que estava ligado onde tinha energia elétrica comprava um rádio. E através do rádio eles fazem uma campanha contra a vinda destes curdos para o Paraná. Eram para vir 100 mil famílias, hoje teríamos no Norte, se isto se concretizasse, uns 800 mil a um milhão de curdos. Assim foi ocupado o Norte. O tempo é muito curto, mas o fato é que outras regiões do Estado vão sendo ocupadas também.

Oeste do Paraná. Quem penetra inicialmente no Oeste do Paraná para ocupar, para explorar, são os argentinos. Capital argentino e mão-de-obra paraguaia. Quando a Itaipu Binacional me convidou para fazer um histórico da Região nunca tinha ouvido falar em "obraje". Qual foi a minha surpresa quando descobri todo um sistema de exploração que os argentinos trouxeram e utilizaram-se da mão-de-obra ~~do~~ paraguaia. Dez mil paraguaios trabalharam no Oeste do Paraná. Depredaram a Região. Quando os colonos sulistas vêm para a Região, eles não encontram mais madeira de lei. De Cascavel até as barragens, que hoje não existe mais, no Rio Paraná, aquilo tudo foi cortado, foi levado por animais, ou por caminhões, ^{explorado} ~~sistematicamente~~ com capital argentino, por capital inglês, inclusive por capital italiano, empastado, colocado aqui por Mussolini.

São histórias do nosso Estado que na realidade as fontes se encontram inclusive no Exterior. É lamentável que as companhias que o fascismo controlavam onde está hoje Toledo, Marechal Cândido Rondon e outros municípios. Na área de Mussolini está Santa Helena. Esta madeira de lei descia o Rio Paraná em narombas, 800 mil toras que eram amarradas com arame, num sistema curioso, aquilo descia pela corrente até a Argentina, lá as serrarias desmontavam e serravam. 90% disto saía de forma ilegal, na base do contrabando.

Este período começa por 1890 e vai até a Segunda Guerra Mundial. Este período domina a região dos "obrajes". A Fazenda Britânia vai ser comprada logo após a Segunda Guerra Mundial por grupos de capitalistas oriundos

Rio Grande, a maioria ainda está viva. Um deles entrevistei, é o Ruaro, que mora do lado da Igreja do Céu Azul, no Oeste do Paraná, um pouco adiante de Cascavel, ele foi um dos que lutou para conseguir o capital inicial para comprar a Fazenda Britânia. Foram para Londres, trouxeram um Brigadeiro, na mão de militares, esta região ali do Prata, onde está hoje Foz de Iguaçu, Itaipu, sempre foi a "menina dos olhos" de todas as potências que desejavam ganhar novas colônias. Esta região foi namorada pela Alemanha, pela Itália, pela Polônia, estou pesquisando agora este assunto e no período entre guerras eles pretendiam criar ali na região um local com características próprias. Utopias. Mas não sei o que aquela região tem. Atrai, atrai pelo menos, estas potências que estavam atrasadas no ponto de vista capitalista. Queriam colônias, queriam lugares onde expandir a cultura e onde explorar a economia para enriquecer as suas metrópoles.

A partir da década de 50 o Oeste do Paraná é ocupado por estas correntes migratórias oriundas do Rio Grande do Sul e é lá no Oeste que se encontra a frente cafeeira que vem de São Paulo e Minas Gerais e esta frente sulista. É ali no Vale do Piquiri. No Vale do Piquiri, região de Cascavel, é que se encontra, no meu ponto de vista, é que se encontra a primeira grande leva da ocupação do território Centro-Sul do Brasil. Lá se encontram mineiros, paulistas, capixabas, cariocas, paranaenses, catarinenses e gaúchos. E Cascavel é uma espécie de cidade síntese disto tudo. Cascavel é realmente uma cidade cosmopolita, dominada por uma elite de origem gaúcha, mas 40% da população é de origem paranaense. O Paraná, face ao Rio Grande do Sul, historicamente sempre está neste posicionamento. Desde o Século XVIII o Rio Grande do Sul sempre um passo na frente. Um pouco mais rico, um pouco mais letrado, um pouco menos analfabeto. Isto se reflete, é só ir para Caswateã e vocês vão ver que o clero é gaúcho, a maioria dos políticos é gaúcha, o comércio é gaúcho, 40% da população é paranaense. É Guarapuava, Laranjeiras, Pitanga...

O Sudoeste do Paraná ocupado praticamente na mesma época, segue com características um pouco diferentes. Mas o elemento humano é sulista. No Sudoeste é sulista. Sudoeste que eu entendo é sul do Rio Iguaçu. E o Oeste é entre o Rio Iguaçu e o Rio Piquiri. Há diversidade de características. Mas, em linhas gerais, estas regiões foram ocupadas em regime de pequenas propriedades, onde ainda sobrevivem latifúndios, mas são produtivos. E o Paraná desta forma ~~xxxxxx~~ foi ocupado e hoje o grande problema não é mais ocupação. Hoje é melhorar a agricultura. E todo o município que se preza luta para se industrializar, porque a frente agrícola, a

frente de ocupação de terras no Paraná não existe mais. E o Paraná hoje está dividido em três Paranas. O Paraná tradicional que também é uma colcha de retalhos, onde predomina o elemento luso-brasileiro, o elemento africano e o elemento oriundo da emigração. A participação deste último elemento é bastante significativa. O Paraná Norte que é um Paraná também bastante diferente, o Norte Velho é diferente, é uma região estagnada, tradicional. O Norte tem suas características e o Oeste e Sudoeste também. Hoje temos três Paranas. O Paraná Norte inclusive assumiu o seu espaço, o seu poder demográfico e está fazendo valer nas últimas manifestações políticas, nas últimas eleições do Ney Braga para cá, o Paraná sofreu uma profunda transformação, se olharmos neste ponto. O Ney Braga foi "o último dos Mohicanos". Jamais o Paraná terá um Governador que basicamente esteja voltado ao Paraná tradicional. Ele foi o último. Não é mais possível administrar o Paraná desta maneira. Tem que dividir. Tem que dar poderes à estas regiões, senão haverá problemas de aculturação. E hoje, como no Século XVIII, ainda temos problemas de aculturação. São problemas políticos, são problemas sociais, são problemas econômicos que o Estado enfrenta.

Obrigado. (Palmas).

O SR. PRESIDENTE (Rafael Greca). — Professor Ruy, em nome do Poder Legislativo do Estado, da Assembléia Constituinte do Estado do Paraná, dos meus Pares, Deputados aqui presentes e do povo paranaense, agradecemos a sua síntese precisa da ocupação econômica e histórica do nosso território e até comentávamos paralelamente da oportunidade de se publicar esta sua comunicação mais tarde para que se divulgue mais amplamente a história da formação econômica do Paraná.

Como fazer política é estar com os outros que não pensam necessariamente igual à gente, esta Casa no sentido político se sente muito honrada em acolher o senhor como historiador e ao mesmo tempo o parabeniza e sente um certo orgulho de ter em nossa Universidade (ininteligível).

Quero passar a palavra agora ao Professor Francisco Borja de Magalhães, Secretário de Planejamento do Estado do Paraná e Professor de História Econômica de nossa Universidade. O Professor vem instruir a Assembléia Constituinte do Estado sobre a visão de cultura, de desenvolvimento econômico e social do Estado, na perspectiva do Governo e também dentro da sua opinião pessoal e pensamento econômico.

O SR. FRANCISCO MAGALHÃES.- ... gostaria de falar da contribuição modesta que cada um de nós trará em função dos trabalhos dos Estados ao longo de nossas vidas, como a colaboração que nos cabe na formulação da nova Constituição do Estado. Sabemos que a Constituição do Estado e do Brasil estão vinculadas. É natural. Mas de qualquer forma a adequação paranaense à realidade maior nacional é um trabalho fundamental para o desenvolvimento do Estado. A idéia como o Deputado Rafael Graca dizia de tentar trazer alguma visão de futuro, em primeiro lugar ainda dificilmente se pode ter uma idéia completa de como será a realidade econômica nos próximos dias ou meses. Podemos ver de repente a entrega do País em pagamento da dívida. Temos que lutar para que estas coisas não aconteçam. Mas de qualquer maneira vivemos uma situação difícil. Pelo seu tamanho territorial, sua posição, sua capacidade tecnológica que já desenvolveu, pela base técnica que aqui se implantou, pelos recursos naturais que dispõe, tem excelentes perspectivas ao nível do desenvolvimento científico existente. Poderão haver condições de vida decentes e civilizadas. Não é por falta de recursos que no Brasil estas coisas ainda não atingiram a maioria da população. Com quase dez anos de recessão econômica, é preciso a procura de um caminho para reparar a estagnação. E num Estado que entre os Estados brasileiros tem todo um comportamento econômico dos mais significativos e que nos permite ainda num curto ou médio prazo um papel muito importante no desempenho, isto significará exatamente aquilo que todos nós almejamos para a economia estadual, proporcionando recursos e condições para que o nível de vida da população se eleve. Vivemos e conhecemos um Paraná rural, um Paraná que era um grande imã que atraía correntes emigratórias de todo o Brasil e de muitas regiões do mundo. A sua ocupação era estimulada pela riqueza das terras, das florestas, as atividades aqui realizadas e as condições de mercado na economia mundial, como no caso do café, crua-mate, ou na economia nacional. Portanto um Paraná rural e de grande crescimento demográfico. O Paraná efetivamente acabou aofronteiras agrícolas, ao se modernizar, exigindo investimentos de capital cada vez maiores, concentração da propriedade. Neste tipo de função de produção, ou dentro destes parâmetros sociais, o Paraná começa a mudar. Em primeiro lugar ele deixa de ser tradicional, microcultura, para ser mais cada vez mais industrializado, voltado tanto para o mercado interno, como para o externo, mas ao mesmo tempo, no reverso da medallha, dispensava mão-de-obra e levava à concentração da propriedade. E

Entre 70 e 80 esta expansão maior se dá. O Paraná não só passa a ser um Estado predominantemente urbano, que mais crescia ~~demograficamente~~, mas que tem uma grande parte dirigida para as novas fronteiras agrícolas do Norte e do Sudoeste, mas em sua maior parte dirigida para a região metropolitana de São Paulo, maior centro econômico do País e o setor rural paranaense ficou ligado principalmente às cidades-polos e principalmente para a região metropolitana, de Curitiba. Portanto, este Paraná dos anos 80 é um Paraná estruturalmente diferente do velho Paraná. Um Paraná que mudou na forma e no conteúdo.

Esta mudança atinge basicamente dois aspectos quando nos propomos a apresentar tendo em vista o futuro. O desenvolvimento da economia paranaense seguramente após a década de 70 os indicadores já estavam presentes antes a este desenvolvimento integrado ao contexto maior que é a agricultura brasileira. O Paraná hoje é uma parte integrante e integrada à uma economia complexa, relativamente avançada, de tecnologia avançada, que cobre a quase totalidade das diversas regiões do Brasil. Portanto, não podemos imaginar que vamos ter as soluções paranaenses para os problemas econômicos que o Brasil apresentar na sua avaliação política e social.

A segunda conclusão importante foi da fronteira agrícola e que nos exige uma mudança de enfoque de uma agricultura extensiva em que a produção exclusiva ao cultivo pela substituição da mata natural por terras cultivadas para uma agricultura onde o crescimento da produção depende da capacidade produtiva do setor e da economia como um todo só poderá ser dada por um aumento da produtividade do campo. É preciso que qualquer processo de desenvolvimento do campo, é preciso que o produto de cada um aumenta pela utilização adequada das (técnicas ?) produtivas que se desenvolveram nos últimos períodos, sob todas as formas. Este é o cenário básico que podemos pensar em relação ao futuro do Paraná.

Isto nos traz uma outra preocupação, no caso do Paraná. É a sua posição. Vejam bem, como mostrou o Professor Ruy, o seu lugar no espaço. A passagem dos tropeiros, o atendimento à demanda da região de Minas Gerais. Esta posição não desapareceu. A América do Sul e os grandes núcleos populacionais do Século XVIII acabaram se consolidando em dois grandes polos. Um deles é o que se chamava de triângulo Rio, São Paulo, Belo Horizonte, mas que tem como foco principal a região metropolitana de São Paulo. E do outro lado aquele que se pode chamar o eixo Buenos Aires-Córdoba. O eixo Buenos Aires é o eixo que liga a Córdoba, passando por Rosário. Estes são dois grandes polos de desenvolvimento.

Passo a discutir a integração econômica real que tem como primeiro fruto a L..... (ininteligível) que nos coloca uma instrumentalização adequada para uma universalidade econômica, ou integração econômica. Vivemos num mundo, como os senhores sabem, que a escala de avaliação de desenvolvimento onde as formas produtivas rompem as fronteiras. Em 92 por exemplo na Europa haverá a união através da CEE. Os Estados Unidos também demonstram isto. O próprio Japão está procurando unir-se, e assim por diante. Dentro deste cenário, o Brasil e Argentina, aproveitando a situação, poderiam de uma forma mais completa, pensar em integração econômica.... (ininteligível). Vemos um País, a Argentina, que em termos de transporte pegou o desvio errado. (ininteligível). Deixado de lado isto, o País passa a viver em função do transporte rodoviário de mercadorias, nos dois sentidos, principalmente de mercadorias originárias ou destinadas às indústrias básicas, isto passa pelo transporte ferroviário e grande parte principalmente de produtos acabados, pelo setor de transporte rodoviário. Em uma meta do Sul do Brasil e Argentina, Bacia do Prata. Tentamos trazer linhas de contato entre São Paulo a Buenos Aires. Víamos que não como meta, mas para dar melhores condições. Neste sentido o Estado do Paraná é o que está em melhor posição.

Tive uma experiência há muitos anos como estudante ainda em Illinois quando observei uma planície coberta de soja e pequenas aldeias e no meio daquilo tinha um complexo petroquímico. Tentei entender o mecanismo, num lugar que não tem nada a ver com petroquímica. Não era matéria prima da região. Era o crescimento de duas vias de transporte, o seguimento de um grande pólo petroquímico em plena região agrícola. Nós pensamos então entre Brasil e Argentina. Os dois juntos já melhorava a posição de recursos.

Este tipo de raciocínio nos leva a ver a possibilidade deste Estado ter um papel importantíssimo na passagem de matérias primas.

Gostaria de concluir. Sem dúvida nenhuma o desenvolvimento econômico deste País e do Paraná exigirão um esforço muito grande em termos de desenvolvimento de técnicas, mobilização de capitais, ~~manutenção~~ manutenção da qualidade de vida que só podem ser alcançadas a curto prazo através da integração de mercados de diversos países. E o Paraná possui fatores favoráveis na sua localização, podem trazer do Rio Grande do Sul na direção de São Paulo. Isto através de rodovias, através de ferrovias. Sistema de transporte que vão beneficiar uma vez mais e numa escala mil vezes maior, graças à esta posição estratégica entre estes dois centros econômicos que hoje são os dois centros da América Latina.

Estas duas linhas: aumento de produtividade na

área econômica e uma industrialização interligada não só em termos nacionais. São aspectos muito importantes que devem ser considerados. Muito obrigado.

O SR. PRESIDENTE (Rafael Greca).—Convido a tomar assento à Mesa para fazer seu pronunciamento o Arquiteto e Prefeito de Curitiba, Jaime Lerner e o Engenheiro Deni Schwartz.

Passo a palavra ao Prefeito de Curitiba, Jaime Lerner, que irá falar sobre Diretrizes de Planejamento Urbano e Rural, um projeto para o Paraná.

O SR. JAIME LERNER.— Senhor Deputado Rafael Greca, Senhores Deputados componentes da Mesa, Sr. Deputado Relator da Constituinte, ex-Ministro Deni Schwartz, todos que nos honram com sua audiência. Gostaria de abordar este tema começando pelos efeitos. Estou relatando um vivo testemunho dos efeitos que nos vimos vivendo nas cidades. Só para fazer um relato, começarei por esta linha.

Em 1971, na minha primeira gestão na Prefeitura de Curitiba, desenvolvemos programas habitacionais destinados à população de renda mais baixa. Naquela época era possível à uma família com renda de um salário mínimo entrar num programa da COHAB...

O SENHOR JAIME LERNER - ... da CONAB numa área na casa de mais
8 ou menos 23 metros quadrados, era a fe-
nosa e casa embrião.

Bom, dois anos mais tarde já só era possível
que uma família com uma renda familiar de um salário mínimo par-
ticipasse, só se conseguiria entrar em num programa com uma casa
de no máximo nove metros quadrados, que era o projeto do Álvaro
ro, que era só a parte sanitária da casa.

Bom, para não continuar...

O SENHOR PRESIDENTE (Rafael Greca) - Fica constrangedor.

O SENHOR JAIME LERNER - ... fica constrangedor. O fato é o se-
guinte, hoje, para uma família até na
faixa familiar de renda familiar de um salário mínimo ela não
consegue entrar no programa nem do lote urbanizado. E com muito
esforço entraria num programa de um lote não urbanizado. Então,
isso é só para dar uma idéia de como a população brasilei-
ra e não se pode excluir, de nenhuma maneira, a população
do Paraná, sofre o mesmo problema como a população brasi-
leira empobreceu nesses últimos anos.

Bom, nós sempre colocávamos o problema da
campo, da cidade sempre com os seguintes argumentos: é no campo
que se está plantando o problema da cidade. É no campo, analisando
sempre os problemas referentes a migração, que é,
sem dúvida, uma das causas graves do problema urbano. Então, nós
sempre alertávamos para o problema das migrações, colocando que
problema da migração do campo e da cidade já não era colocadas
como uma opção que o cidadão tomava à procura da grande cidade,
mas, quase como uma excursão.

gr Então, esse processo da migração, que é qua-
se uma escalada, uma escalada natural, hoje, infelizmente. É o
processo em que começa com a migração, depois a marginalização
nas grandes cidades, depois é a migração, o enchimento das gran

grandes cidades, depois a marginalização e por último a violência. Essa escalada é a escalada natural que está acontecendo nas cidades brasileiras.

Nós pensávamos que a única causa era a migração e até um certo tempo era. Hoje, se nós analisarmos a população hoje nas favelas ~~xxxx~~ das cidades o componente da migração é um grande componente, mas, o outro grande componente é o da população que empobreceu dentro da própria cidade. ~~xxxxxxxxxxxx~~

Bom, o que fazer? É evidente que nós estamos lidando nas cidades com efeitos dos problemas cujas causas já são por demais conhecidas. Várias vezes a gente tem procurado relacionar que esses efeitos que apareciam nas cidades há alguns anos atrás, uns seis ou sete anos atrás, ainda tinham recursos necessários para fazer frente a esses problemas. Hoje, esses recursos desapareceram e a pergunta que a gente faz é a seguinte: e se esses recursos voltassem a aparecer? Nós voltaríamos a correr os mesmos erros? Voltaríamos a expulsar o homem do campo? Voltaríamos a fazer com que as pequenas e médias...

O SR. JAIME LERNER - ... com que as pequenas e médias cidades não tivessem a condição de absorver parte dessa população, voltaríamos a marginalizar grande parte da população dos grandes centros urbanos, quer dizer nós temos que superar que em um determinado instante toda essa situação econômica talvez possa se modificar e no entanto se isso acontecer nós vamos estar incorrendo nos mesmos erros.

Quero ressaltar aqui, que a minha posição não é uma posição injeta no sentido de acreditar que se pode conter a migração. Esta migração é um fato natural, o que é obrigação, o que a sociedade tem como obrigação é fazer com que essa migração aconteça pela decisão do cidadão e não por um fato de expulsão. Isso quer dizer que nós teremos condições de boa qualidade de vida nas cidades se nós diminuirmos o impacto, quer dizer, se nós diminuirmos essa velocidade no caminho das grandes cidades. Como diminuirmos? Levar qualidade de vida ao homem do campo, as pequenas e médias cidades voltarem a poder oferecer qualidade de vida, enfim nós estamos sempre falando na boa hipótese, na condição que é detectável a questão de 6 ou 7 anos.

Mas vejam o que está acontecendo hoje os três maiores problemas que nós temos na cidade são a moradia, o transporte coletivo e o saneamento.

A moradia não precisa dizer que chegou ao ponto mais grave, a invasão hoje está acontecendo em todas as maiores grandes cidades brasileiras. Não se pode colocar nesse processo da invasão, a invasão oportunista, a invasão que se faz pelo mercado, pelo comércio da invasão, até por nós incorrerem numa injustiça com aqueles necessitados que realmente não tem outra alternativa. Hoje se a gente disser talvez 40% seja invasão por necessidade ou por causa de alternativa, é muito difícil dimensionar isso. O que eu acho é que cada comunidade tem que trabalhar no sentido de que essas invasões, as alternativas sejam colocadas para que se tenha condição de trabalhar em cima daquilo que é realmente necessidade e não aquilo que é oportunismo, não aquilo que é comércio.

Mas eu estava falando dos três maiores problemas que nós temos na cidade moradia, transporte e saneamento e Gg

Governo Federal cortou completamente os recursos destinados a estes três programas fundamentais, não há mais recurso para moradia, o Governo Federal fechou todos os recursos da Caixa Econômica, o Governo Federal fechou a Empresa Brasileira de Transporte Urbano e nós não vamos nem conseguir tomar financiamentos, tomados no Banco Mundial que tinham sido negociados ~~porque hoje não há interesse no Governo Federal, não há interesse em relação~~ ...

O SR. JAIME LERNER - ... os financiamentos tomados do Banco Mundial, que tinham sido negociados porque hoje não há interlocutor do Governo Federal, não há interlocutor em relação a meio ambiente, o IBDF que está tendo o mesmo problema. O Governo fechou os recursos à habitação, fechou os recursos ao transporte coletivo e ao saneamento.

Então, como é que as cidades vão poder encaminhar ou equacionar os problemas, ou só acompanhar um pouquinho se não há a menor perspectiva de recursos pelo menos a curto prazo?

Então, o que está acontecendo com a população das grandes cidades? Ela empobreceu, e o assalariado está subsidiando o miserável. Então, de todos os recursos que estão sendo criados pelo Governo Federal no sentido de ser dar uma destinação social, sai no BNDES o Fundo Social. Este recurso é confiscado pelo Governo Federal para tapar os buracos da sua incompetência. Todos os recursos novos criados com destinação social foram confiscados pelo Governo Federal para tapar todos os buracos de toda a incompetência na condução dos assuntos econômicos.

Então, tudo isso hoje é pretexto. Por que o Governo Federal hoje joga o IAPAS, os recursos do IAPAS para o Ministério da Fazenda? Para trabalhar com o dinheiro. Por que os recursos do Fundo de Garantia estão...? Para trabalhar com o dinheiro da poupança da grande maioria da população brasileira.

Então, na realidade o que hoje está acontecendo é o assalariado subsidiando o miserável e a classe média se segurando para não cair na rampa; ela já está escorregando na rampa há muito tempo.

O que vai acontecer? Eu acho que o que está acontecendo em muitos países sul-americanos é uma alerta. Nós não podemos continuar brincando com esta situação que afeta 80% da população brasileira.

Por que é tão difícil equacionar um problema como

como esse? Porque a preocupação que a já tem é de que, mesmo que os recursos voltassem a acontecer, o quadro já era difícil há 6 anos ~~atrás~~ atrás. Quer dizer, mesmo se os recursos voltassem a acontecer, será que nós iríamos incorrer num mesmo erro?

Então, eu volto à tese que a gente semprevem discutindo: a Constituinte deve ser u reflexo de um Projeto, deveria ser um reflexo de um projeto de um País, como deve ser o reflexo de um projeto para um Estado como o nosso, como é o planejamento da cidade o reflexo de um projeto para a cidade.

Então, qual é o projeto... Como é difícil restaurar essa credibilidade de que o Governo Brasileiro possa modificar esse estado de coisas. Não há mais credibilidade porque a população não se sente mais motivada a participar de nenhum projeto importante. Na realidade ela é comunicada dos problemas da dívida, ela é comunicada pelos pacotes que vão se suceder, que vão ser conduzidos cada vez com maior desastre porque não há a menor credibilidade por parte do Governo. Na realidade, eu quero fazer um parênteses e até pediria que não constasse, mas é um fato engraçado que aconteceu e queria relatar: O primeiro despacho que eu dei como Prefeito foi um fato muito curioso: vem um grupo de moradores pedir que nós não fizéssemos nada numa rua porque aquela rua tinha um olho d'água e a população tinha uma preocupação que a Prefeitura não fizesse aquele olho de água, aquela nascente de água. Então o despacho que tive de dar: não fazer... na época o Departamento Rodoviário Municipal não fazer nada com urgência.

Então, na realidade o Governo Federal hoje que está com problemas de falta de créditos e não tem mais condições de propor coisa nenhuma deveria não fazer nada com urgência porque qualquer medida que faça ela acaba se deteriorando. Então, se surgem novos recursos, ela sangra com os recursos e fica cada vez mais difícil a situação. ~~Em~~

Bom. Vamos voltar ao assunto de um projeto para o Estado, um projeto para o País. Eu sempre defendi a posição de que é

muito difícil mobilizar a população por ~~em~~ uma coisa...

... população para uma coisa chamada "dívida", é como querer mobilizar uma família e dizer " olha, estamos com uma dívida, de agora em diante você não vai estudar, você não vai comer, você não vai trabalhar porque a dívida impõe essas condições". Esse não é um projeto que uma família gostaria de estar envolvida, a família quer saber como ela vai melhorar. Mesma coisa a sociedade brasileira. Nós não podemos parar o país aguardando esse tipo, essa mobilização que o governo nos faz, a alternativa que o governo nos coloca. Isso não quer dizer que a gente tenha uma posição de irresponsabilidade em relação a todos os compromissos que o governo tem com a nação.

É evidente que o que a nação quer - isso soma o que o Estado quer, é um projeto de país que diga " bom, qual é o estilo de vida que nós queremos viver ;? " O que esta Nação quer é um projeto de país que diga isso. Nós vamos ter eleições para Presidente, nós vamos discutir isso, qual o estilo de vida. O segundo ponto que eu acho fundamental é de como é que vão se distribuir os recursos naturais no nosso espaço geográfico, como é que vai se distribuir a população brasileira no nosso espaço geográfico ? Como é que vamos assegurar qualidade de vida às pessoas no campo e na cidade. É outra coisa que tem que estar muito clara dentro desse projeto. Qual a tecnologia que vai ser colocada a serviço desse desenvolvimento. Depois quais os princípios éticos que regerão a nossa sociedade. Em alguns aspectos da Constituinte, a nova Constituinte respondeu, mas ainda nós não temos um Projeto que fale isto. E nós esperamos que pelo menos nessa próxima eleição presidencial esses projetos sejam colocados.

Em relação ao Estado tem a mesma coisa. Um Estado como o nosso, nós já perdemos a esperança que a solução venha com um milagre. Um Estado como o nosso, o que que nós podemos esperar : que a cidade tenha suas propostas, que alguns Estados dêem o exemplo de um projeto de Estado que envolva a vontade da população e é isso que se espera da Constituinte deste Estado. Que ela dê o exemplo, seja talvez um Estado que dê o exemplo de que a constituinte traduza esse projeto de Estado. Que mostre que num Estado como o Paraná nós tenhamos as respostas a essas coisas.

Como é que vai distribuir a população em nosso Estado?

A distribuição da população no Estado do Paraná é fundamental, um Estado que era modelo de distribuição estadual, um Estado que se caracterizava como um exemplo de desenvolvimento porque era um Estado que tinha vários pólos de desenvolvimento. E já há uma definição de que um Estado que só tem um pólo de desenvolvimento é o que está mal. Um Estado que tinha ótimos exemplos, ótimos pólos de desenvolvimento, uma economia diversificada, as coisas. De repente eles projetam esta resposta já poderia começar a nos ajudar: como é que seria a distribuição espacial da nossa população num espaço geográfico, quais os recursos que deveriam ser colocados? Um Estado como o Paraná não pode abdicar de resolver o problema das migrações, o problema do bóia-fria num Estado como o Paraná é um desrespeito à capacidade do povo paranaense.

E vou dar um exemplo: ...

16:00

O SR. JAIME LERNER: ... à capacidade do povo paranaense. Vou dar um exemplo, se nós formos abordar o problema do boia-fria, todos conhecem, o diagnóstico é muito claro e o que ocasionou foi a legislação, foi a legislação trabalhista no campo, enfim, uma série de consequências levaram a isso. - Muito bem, como é que vai viver a pequena propriedade, como é que vão conviver a pequena e média propriedade em nosso Estado? E se esse Estado tem a condição de resolver os problemas da migração, que são fundamentais para o seu futuro. Vou colocar isso mais tarde, porque há condição de resolver esse problema.

Mas vamos continuar. Nós queremos ter uma resposta de que é que vai se dividir a população no nosso espaço geográfico, como é que nós vamos assegurar a qualidade de vida nas cidades e no campo? O nosso Estado do Paraná tem por obrigação dar essa resposta.

Qual é a tecnologia que vai ser colocada agora? Um Estado que tem todo um acervo, o Estado é e sempre foi e tem todas as condições de ser um celeiro e oficinas, do arado ao computador, é um Estado que tem todas as condições. Então alguma coisa precisa ser colocada nesse projeto, com a esperança que nós temos nos trabalhos dessa Constituinte Estadual.

Ah, só para dar um exemplo de migração: muitas vezes tem-se levantado o assunto da reforma agrária, aquela discussão interna, o boia-fria, o sem-terra, o movimento do sem-terra, eu quero dizer para vocês que das 500 ou 600 mil pessoas constituem contingente de boias-frias do nosso Estado, é possível resolver.

Nós colocamos em discussão já há muito tempo nesse Estado, a proposta da comunidade rurbana. Veja bem, ninguém tinha a pretensão de acrescentar uma proposta definitiva

e era um início de discussão, mas a idéia partia de um ponto de vista muito forte de que se nós conseguíssemos implantar em - cada município do Paraná uma comunidade rurbana - quer dizer, o que é uma comunidade rurbana ? É uma comunidade de 100 a 150 famílias a 20 ou 30 Kms de Município , ocupando as estradas vicinais que nós temos em qualquer município do Paraná. Se nós conseguíssemos organizar essas famílias ao longo dessas estradas vicinais, as casas ao longo dessa estradinha, as famílias morando ao longo dessa estrada, mantendo cultura de subsistência e comercializando o excedente na cidade mais próxima, de tal maneira que essas famílias pudessem ter nessas ruazinhas, nessas estradas vicinais, a mesma - qualidade de vida que eles querem encontrar nas cidades.

Eles morariam ao longo de uma rua, rua que existe em qualquer cidade e teriam a condição de líder comunitário igual a que se estivesse morando em rua rua. Bom, esse é um detalhe mais comprido, mas dessa comunidade rurbana, nós fizemos o - primeiro teste aqui em Curitiba para que essa proposta se estendesse a todos os Municípios do Paraná.

Montamos a proposta. transformamos essa proposta em projeto no Banco Nacional da Habitação, na época. Existia como programa do Banco Nacional, abrimos os recursos para 50 Municípios no Paraná e essa proposta acabou não acontecendo. A idéia de que se cada Município encontrasse uma comunidade rurbana, nós teríamos mais ou menos 150 famílias , 900, 1000 pessoas por comunidade e algumas comunidades com 1.500, quer dizer, nos 300 Municípios do Paraná, nós teríamos 400 mil, 450 mil pessoas vinculadas à terra, ou seja, quase o contingente de bóias-frias do nosso Estado.

Bom, o que eu estou querendo dar como exemplo, de que a resposta em relação ao problema da ...

O SR. JAYME LERNER - ...

de que a resposta em relação ao problema da imigração tem que ser a proposta, claro. A resposta em relação ao problema da tecnologia tem que ser com propostas claras. A resposta em relação aos problemas dos efeitos da cidade tem que ser com a atuação clara que os Municípios podem exercer no momento, nós não temos recursos hoje.

Os recursos que a reforma tributária, que nos foram conferidos por este simulacro de reforma tributária, são muito pequenos. O imposto sobre combustíveis ou interditos não correspondem a quase nada. É ridículo o recurso que foi re passado aos Municípios. O encargo, só para dar um exemplo, hoje, na medida em que a família empobrecou, nós subsidiamos, os municípios subsidiam as famílias mais carentes com quase 400 cruzados novos por família. Se contarmos os custos de uma criança em uma escola em 80, cruzados novos, mais ou menos duas crianças de uma família por escola, a criança na creche e com um custo de mais ou menos 40, 50 cruzados, mais a os gastos na área de saúde, mais o subsídio de alimentação, qualquer Município que entre nos programas de interesses sociais, estará subsidiando a família de renda mais baixa com recursos da ordem de 300 a 400 cruzados novos. Isto quer dizer, quando a população fica mais pobre ~~quem socorre~~ quem socorre é o Município, e o Município já não tem mais com o que socorrer.

Qual é a alternativa que está sendo colocada ao pelo Município? É a procura da parceria com as diversas forças vivas da sociedade. Por quê? Porque se a população ficou mais pobre, alguém ficou mais rico. Nenhuma empresa, nenhum empresário vai querer se instalar em um bolsão de pobreza. Eles têm que recuperar esse sentimento de fazer parte, o sentimento ~~da sociedade~~

de corresponsabilidade em relação à cidade. Por isso fatalmente vão ter que ser chamados a participar de projetos, como dos projetos de creches, projetos de associação do ofício com a criança, com o menor, projetos de segurança, projetos até de adotar escolas. Enfim, cada vez mais a iniciativa privada vai ter que ser chamada porque senão não haveria mais condições de se sobreviver dentro deste processo.

Alguns caminhos podem acontecer. Primeiro, é evidente que o Estado por si não vai conseguir resolver o problema econômico no País. O Estado pode dar um bom exemplo. O Estado pode dar um exemplo de solução de Estado como um todo. O Estado poderá criar recursos, alguns não utilizados plenamente, contribuição de melhoria do Estado. O Estado pode tentar fazer uma parceria competente com os Municípios, distribuir bem essas tarefas com os Municípios. O Estado pode restituir o seu poder econômico, pode fazer voltar essas vocações que este Estado sempre manifestou, mas na realidade nós somos caladários de um projeto nacional. E nós podemos dar um pequeno exemplo. E se há um Estado que possa dar exemplo é o nosso Estado do Paraná.

Então, em relação às cidades. Criar os mecanismos, dar exemplos dos mecanismos que hoje o Governo Federal não está criando. Muito bem, se hoje o Governo Federal não cria estes mecanismos, atenção, a moradia, o transporte, então, o Estado vai ter que assumir isto. O Governo do Estado vai ter que ter competência para tratar deste assunto. Pode criar os recursos necessários para isto, pode apelar para a parceria com todas as forças vivas da comunidade. Mas hoje a gente está sentindo que até a iniciativa privada está querendo participar dos programas habitacionais.

Então, se o Governo Federal, e nós já

07.03.89-ircc

16:05

C. Ord. econ. e Soc.

3

perdemos a expectativa, vamos dar exemplos do nosso Governo de Estado. Então essa é o único caminho que nos resta. Um Estado que se mostra competente para apresentar um projeto de Estado, um Estado que se mostra competente para assegurar as qualidades de vida às pessoas no campo e na cidade

O SR. JAIME LERNER : - ... assegurar qualidade de vida no campo e na Cidade, um Estado que se mostra competente para resolver o seu problema, para fazer a sua proposta de tecnologia, um Estado que deu exemplo, como preservação do meio ambiente, no momento em que no nosso País não tem a credibilidade necessária até para afirmar perante as outras nações no seguinte: que esse País sabe cuidar dos seus recursos naturais, e com isso, ele serve de pretexto - até esse pretexto serve, tanto para os bens intencionados, preocupado com o meio ambiente, tem a preocupação que esse País não sabe cuidar da sua casa, como os intervencionistas que ameaçam o País, porque é muito claro o argumento, se nós não sabemos cuidar de uma área que é patrimônio do mundo, as outras nações vão saber cuidar melhor que nós.

Então nós temos que dar essa prova, em cada Estado em cada Município, nós temos que ser exemplo, Estadual sustentável, que sabe cuidar do seu meio ambiente, e sabe cuidar do seu Projeto ~~instituído~~ de Estado.

Então se eu pudesse colocar alguma ... para encerrar essa primeira parte, me colocar à disposição dos Srs. Deputados, eu daria, que aquilo que o Governo Federal não resolveu tente fazer (ininteligível) do Estado.

É a grande oportunidade que nós temos, é a grande oportunidade que essa Constituinte tem de afirmar a população do Estado que existe um Projeto que pode mobilizar a nossa Sociedade.

Muito Obrigado.

(PALMAS)

O SR. RAFAEL GRECCA - Ao agradecermos a participação do Prefeito de Curitiba, nós reiteramos a esperança dessa Assembléia Constituinte, de ser efetivamente um fórum, de onde sairá um Projeto do Paraná, que satisfaça de maneira abrangente a Sociedade Paranaense, quanto a sua visão de futuro.

Eu esclareço Dr. Jaime Lerner, que se o Senhor tiver a agenda tomada e quiser se retirar, pode fazê-lo, porque nós sabemos das suas múltiplas obrigações, e assim tem sido com todas as

O SR. RAFAEL GRECCA : - pessoas que tem vindo fazer as comunicações.

Vou passar a palavra na sequência ao ex Ministro Deni Schuartz por 5 minutos.

O SR. JAYME LERNER : - Eu realmente tenho que me retirar e quero agradecer essa oportunidade, e me colocar a disposição dos Srs. Deputados, que me proponho até se convocado for, vir numa outra Sessão, para dar continuidade e dar oportunidade aos Deputados que queiram questionar as colocações que eu fiz.

Muito Obrigado.

(Interrompido)

O SR. RAFAEL GRECCA : - Eu quero esclarecer que do Regimento Interno aprovado por essa Comissão Constituinte de Ordem Econômica e Social, ficou esclarecido que nós não fazíamos debates das sugestões apresentadas pelas pessoas, dentro do Regimento, - são comunicações dos vários segmentos da sociedade, ~~mas~~ o debate será feito depois das Sessões Ordinárias da Comissão.

Eu tenho a honra então de passar a palavra ao ex Ministro do Desenvolvimento Urbano e Ex Secretário dos Transportes do Paraná, Dr. Deni Schuartz, para que, de a sua contribuição que nós já antevemos, valiosa, para o mesmo ~~tema~~ ^{tema} as diretrizes do Desenvolvimento Econômico e Social do Estado, dentro do Projeto do Paraná que deve ser a Constituinte, do seu ponto de vista.

O SR. DENI SCHUARTZ : - Srs. Deputados, eu fui chamado a essa reunião em meio a laço, e me parece que a contribuição que eu posso dar é um pouquinho diferente da contribuição dada pelos que aqui já passaram, eminentes técnicos, estudiosos no assunto, é contribuição de quem foi Parlamentar, já se trata de elaborar uma nova Constituinte.

Por exemplo é óbvio que nós vimos bem o Sr. Francisco B Magalhães, falando que o Paraná não ...

O SR. DENI SCHWARTZ: ... o Paraná não é um ente isolado dentro do Brasil e o Brasil está cada vez mais avançando. O Brasil não está isolado no mundo. Neste mundo que se vultualiza, soluções isoladas, obviamente, não dão em nada. Nós dependemos do nosso País e o Brasil, por sua vez, depende de outros. Estamos todos integrados. Tendo em mente esta ótica, esta visão, eu gostaria de deixar algumas considerações para os senhores Deputados, sobre o Paraná.

Nós ouvimos aqui do Dr. Francisco Borges Magalhães parece que nós temos duas vertentes de desenvolvimento econômico, social e político do Paraná, para solucionar. Uma é a vertente política e a outra é a vertente tecnológica. Nós temos que admitir: o Paraná não existe, politicamente, dentro do ~~Brasil~~ Brasil. Nós não existimos. E os números que eu tenho em mãos podem comprovar isso. Vamos ver o que diz aqui o Professor Francisco Borges Magalhães, quando anteviu para o futuro, um maior relacionamento entre Brasil e Argentina ou uma integração da América Latina. O papel de passagem, até ele falou dos antigos tropeiros, para os dois grandes pólos que se constituíram na América Latina, São Paulo e Buenos Aires. Talvez à semelhança do que ocorreu no Estado de Illinóis, se não me engano, nos Estados Unidos, também aqui esta passagem frutifique. Mas, a vontade política e por isso eu acho que o problema é político, está expresso aqui na "Veja," em uma das páginas amarelas da "Veja", num artigo do João Manoel Cardoso de Mello, de São Paulo, da Unicamp e que todos os senhores conhecem como o antigo assessor do Funaro. O que me preocupa quando se fala muito em integração da América Latina, é o Estado do Paraná. Integrar a América Latina para vender os automóveis ~~de São Paulo~~ de São Paulo e comprar o trigo da Argentina? Olhem aqui o que diz o senhor João Manoel Cardoso de Mello: "O caso é perguntarmos porque não importarmos trigo argentino em vez de produzirmos, aqui, a um custo tão mais elevado". Aí é evidente, há resistências do lado de cá. Os produtores de trigo do Paraná e do Rio Grande do Sul não gostam nem de ouvir falar nisso. Obviamente que o senhor João Manoel não sabe que o trigo, insumo, é produzido complementarmente ao soja. E o trigo é que permite que apesar do frete altíssimo, o que não nos permitiria competir com o soja dos Estados Unidos, o soja chega ainda nos portos podendo competir, porque nós temos as entresafas.

Imaginemos, agora, que vamos vender automóveis e autopças de São Paulo e vamos comprar o que na Argentina? Maça e trigo. Talvez soja. Porque daí o Paraná terá que parar as suas máquinas no inverno, porque não terá agricultura no inverno e não poderá plantar soja porque não terá a quem vender, pois o preço não será competitivo. Via de consequência, também São Paulo, os metalúrgicos pararão, porque nós também não vamos mais comprar as máquinas que são produzidas lá. Quem,

no Paraná, levantou esta questão ? Por isso o problema é político, senhores Deputados. Quando o sul do País se levantou para mostrar que o trigo pode sair mais caro, aqui sim, porque nós somos obrigados a importar pneus, automóveis, caminhões, tudo, de São Paulo. E nós, até poderíamos produzir o trigo mais barato se pudéssemos comprar estes implementos e insumos agrícolas lá fora, em outros países. Com uma consideração de natureza política, porque o Paraná não vai sair do que está. E os dados são altamente negativos ao Paraná e eu mostrarei agora, a seguir, em comparação a Estados vizinhos. Vejam os senhores, uma comparação, como Ministro mandei verificar e deve haver catarinenses aqui que ficarão orgulhosos, está aí o Deputado Nereu Massignan; o Estado de Santa Catarina é o Estado que tem os melhores índices sociais do Brasil. Por que ? É um Estado com a menor mortalidade infantil do Brasil. É o Estado com o melhor índice de alfabetização. Por que ? Por incrível que pareça, por ser um Estado acidentado. As suas indústrias se distribuíram em todo o Estado, seja aqui em Joinville, em Jaraguá ou Blumenau seja lá no oeste ...

DENI SCHURTZ "... eu Blumenau, seja lá no oeste com a indústria de carne. O que que aconteceu? Um Estado acidetado de repente é mais rico em termos sociais, inclusive, do Estado do Paraná. Há que se perguntar.

Será que foi a preservação da pequena propriedade de que não pode ser expulsas pelas grandes plantações? Será que a inexistência de grandes cidades, não termos uma Cidade Industrial por exemplo, concentrando em Curitiba?

São perguntas que eu faço e deixo aos senhores Deputados para pensarem num novo Paraná.

Vejam os senhores um dado horrível. Eu tive a paciência de pegar todos os orçamentos, os balanços do Paraná e do Rio Grande do Sul desde 1975 e os dados são altamente negativos ao Paraná.

Dizem que é o Rio Grande do Sul que está falado. Mas eu acho que a riqueza de um Estado nós poderíamos medir pela ICM arrecadado. O ICM per capita. Pois olha, em 87 que é o último dado que eu tenho, cada gaúcho recolheu de ICM nos cofres públicos 4.312,80 cruzados, dos velhos. E o paranaense, 3.631,00 cruzados. Setecentos cruzados menos no Paraná do que no Rio Grande do Sul. E é o Rio Grande que está falido.

No Plano Cruzado em 1986 os gaúchos arrecadaram 5.492,00 cruzados per capita; o Paraná 4.500,00 cruzados. E isso é histórico. E tenho aqui o trabalho desde 80 a 87 e, a bem da verdade dizem que esta diferença está diminuindo, mas isto demonstra que nós, eu comercializamos menos ou compramos menos, enfim, nós somos mais pobres.

Essas comparações, aqui nós fizemos comparações de todo jeito em cima desse orçamento, gasto pessoal, dívida interna, dívida externa dos estados que nós mostram uma coisa ~~insuficiente~~ preocupante.

Eu lembro que em 1961, Franco de Oliveira, assessor do Governador, então governador Brizola no Rio Grande

do Sul produziu um livro chamado "Rio Grande do Sul um novo Neg deste". Em que ele mostrava que o Rio Grande do Sul estava se esvaziando em função até das imigrações para o Paraná, mas que de fato, se considerarmos em relação ao Paraná o Rio Grande continua menor que nós.

A pergunta que eu faço é como será o Paraná no futuro, já que nós a semelhança do Rio Grande também já tivemos as nossas fronteiras agrícolas. O que fazer para não só na agricultura, mas também na indústria nós mudarmos isso?

Tem-se falado muito que o Paraná está se industrializando rapidamente. A energia, que aqui está o relatório da Copel, o consumo de energia industrial não tem demonstrado isto. Os senhores vejam aqui. O número de consumidores desde 77 até 87 consumidos pela Copel, o número de consumidores vem aumentando. Nós chegamos no ano entre final de 84 em relação a 83 nós aumentamos 1.100 consumidores. Em 85, no final de 85 em relação a 84 tínhamos aumentado 3.845 consumidores industriais. Final de 86 baixamos para 1.137; no final de 87, para 1.091.

O número de consumidores industriais está aumentando, mas nesses últimos 3 anos tem diminuído o número de novos consumidores.

Bem, por isso que eu digo, quais as razões dessa nossa situação. Me parece que aquela vertente política é muito importante. Chegou-se aqui no Paraná, os Deputados fizeram uma comissão, discutiu-se muito por causa de um poço de petróleo, uma bacia petrolífera.

Uma bacia petrolífera em Santa Catarina....

16,25 hrs

mlm

O SR. DENI SCHWARTZ:--...uma bacia petrolífera, em Santa Catarina, eu/ cheguei a vêr no jornal uma das coisas mais inex/ críveis, porque Santa Catarina ficou semlitoral, para encaixar este po/ ço. Não sei se é paranaense ou não, não cabe aqui discuti-lo, mas eu/ não vi nenhum protesto contra as inundações do Norte do Estado, e não/ apenas porque toca a gente, porque terras férteis são inundadas, mas/ porque nós perdemos não um poço de petróleo, nós perdemos centenas de/ poços de petróleo, renováveis! Afinal de contas, a água do Tibagi que/ sai aqui de Ponta Grossa, ou aqui de Balsa Nova, e que se acumulando/ chega até o rio Paranapanema, não vai gerar permanentemente para São / Paulo? Se nós quisermos aquela energia que nasce no nosso Estado, nós/ temos que comprá-la!

Srs. Deputados, tem que acabar! Se fosse eu Go/ vrnador mandava por, agora em Taquaruçu, mandaria por lá uma companhia/ da Polícia Militar, sim, acampada lá, porque eles não se dão nem o / trabalho de avisar o Paraná que estão nos inundando! Eu lembro um re-/ lato do Governador Cannel que se recusou a ir a Porecatu, porque quan/ do vieram inaugurar a Usina naquela região veio a Polícia Militar de/ São Paulo para dar proteção ao Abreu Sodré, que era o Governador de / lá, entrou em Porecatu, porque o aeroporto era em Porecatu. O mesmo / ocorreu agora, lá em Diamante do Norte, e Taquaruçu está sendo feito!

Qual a solução, Srs. Deputados? Está aqui, dei/ xo agora uma solução, vamos negociar de igual para igual, nós queremos/ a metade da energia dessas Usinas que estão sendo feitas no Paranapa/ nema. Não interessa royalties, o problema não é de royalties, o probl/ ma é de termos energia permanentemente no Paraná, sem falarmos nas nos/ sas indústrias. Como fazer isso? Ao invés de usarmos os nosso recur- / sos internalizados, digamos do Iguçu, ou do Tibagi, ou do Piquiri, vi/ mos inicialmente usar a energia que está nas nossas divisas, exigindo/ do e comprando, se a Usina custa um bilhão de dólares, a Copel que en- / tre com quinhentos milhões de dólares para reservar esta energia pa- / ra o Paraná.

Nós estamos entregando de mão beijada! É isso que precisa ser dito, isso é política e o Estado, porque não adianta ter uma ótima Constituição se nós continuarmos desta maneira.

O Deputado Rafael me deu aqui uma assoprada há pouco para uma outra equação que eu chamo a ~~XXXX~~ atenção dos Srs. ~~XX~~ nos últimos 3 anos, e eu estou aqui na frente do frente do Presidente da Associação da Agricultura do Estado do Paraná, tem sido trompeteado, para todo o Brasil, no Brasil inteiro, que o Brasil teve as ~~XX~~ três maiores safras agrícolas da sua História. 65,68, vamos para 70 / milhões de toneladas. E por falar em 70 milhões de toneladas, me parece aí começamos ~~axxx~~ achar a solução inclusive para a economia paranaense,; é de se pensar, nós temos lido, todos leram que na União Soviética a agricultura fracassou. Estes dias eu abri a Gazeta Mercantil e fiquei surpreso, eles alarmados porque houve uma queda de 10 ou 15 milhões de toneladas e que eles só vão colher 200 milhões de toneladas! E ainda têm de importar da Argentina, dos Estados Unidos, do Canadá! Qual é a população da União Soviética? 250 milhões de habitantes. Nós com 150 milhões de habitantes, o que prova que nós não estamos comendo, tem muita gente passando fome, com 150 milhões nós colhemos / 70 milhões de toneladas e nos damos ao luxo de exportar boa parte dela! Então estamos passando fome! A solução está aí, se nós pudermos / produzir mais e darmos ao povo brasileiro poder de compra, então é / óbvio nós vamos aumentar o consumo interno. A grande diferença do Brasil, em relação ao resto do mundo, desses grupos que se formam na Europa, o grupo socialista, o grupo asiático, talvez seja que nós tenhamos 100 milhões de brasileiros vivendo ainda em padrões de miserabilidade!

Pois bem, neste últimos três anos tivemos as três maiores safras, eu pergunto ~~XX~~ aos Srs. Deputados e aos Srs. que estão, aqui:- o Paraná diminuiu o seu percentual na participação dessas safras, em relação ao Brasil? Não! Portanto nós também produzimos as ~~X~~ três maiores safras! Como é que o Governo está dizendo que não tem dinheiro? Ou está, e aí eu respondo o Deputado Rafael, ou se soneg

07/03/89

min

16,25 hrs.

-2

muito, ou o que é mais importante, talvez não seja sonegação que está havendo, talvez seja a política tributária do Governo Federal...

O SR. DENI SCHWARTZ - ... talvez não seja sonegação que esteja havendo; seja a política tributária do Governo Federal e novamente entramos no campo político, que faz com que nós produzamos apenas produtos que não pagam ICM, e que não geram riquezas. É o nosso soja que sai e que vem dinheiro para o Brasil para pagar as nossas contas, enfim, para dar o superavit da balança comercial, mas que nós não vemos aqui no Paraná se transformar em obras, como por exemplo a Ferrovia do Oeste.

Os senhores vejam aqui neste trabalho, o que que acontece por exemplo, com as estradas de rodagem. Em 1985, por exemplo, a relação com as rodovias pavimentadas do Estado e do Governo Federal, e é a seguinte: Para cada 2,46 quilômetros de estradas pavimentadas estaduais, o Governo Federal tinha um quilômetro.

No Rio Grande do Sul, para cada 490 metros estaduais, o Governo Federal tinha 1 km. Minas Gerais, 640 metros estaduais, o Governo Federal tinha 1 km. Goiás, 650 metros estaduais, 1 km federal. Pernambuco, 920 metros estaduais, para cada km.

Nós temos 2,46. Nós já fizemos um dos poucos trechos de ferrovia que dão lucro para este País, a Central do Paraná, as expensas do Estado.

E agora, eu já tenho sido criticado e eu gostaria que os senhores deputados pensassem, estamos nos propondo a fazer, com os parcos capitais paranaenses que estão fugindo em grande parte não só para o Mato Grosso, Amazonas, Pará, Rondônia, mas também foge para São Paulo e nós sabemos disso, ainda nos propomos a fazer com capitais paranaenses a Ferrovia da Soja ou a Ferrovia da Produção.

Eu perguntei esses dias: Já que nós temos esse capital, não seria melhor que a Cotriguaçu ou lá as cooperativas do oeste se unissem com esse capital, e ao invés de mandar grãos^{de} soja dentro de um vagão mandassem Óleo de soja em latinhas diretamente de caminhão para São Paulo? Industrializado lá?

Então nós nos entusiasmos com idéias, quer dizer, nós aqui quase que somos um País independente. E isso não é do atual Governo

não é do anterior, é, parece da nossa índole. E enquanto os senhores deputados não houverem esse conhecimento, nós continuaremos e eu poderia mostrar aos senhores todo este relatório, mostrando o que se discrimina este Estado.

Governadores de todos os tempos que tentaram agradar o Presidente da República, e tal, então eu tenho aqui o que foi de dinheiro federal para o Rio Grande do Sul, no seu Orçamento e o que para o Paraná. Em 1987, por exemplo, foram 9 bilhões, em termos de 87, 9 bilhões para o Rio Grande - 5 bilhões para o Paraná.

Por isso, diante da Constituição nós temos que ter uma vontade política para tentarmos. Porque, minha gente, até para não cansá-los eu ainda faria uma outra observação do futuro do Paraná.

Eu não quero que ele seja apenas um ponto de passagem. Mas nós corremos o risco de ser novamente um ponto de passagem. Eu gostaria de dizer que nós e isso é quase válido para o Sul todo. Quando eu estava em Brasília, eu sempre me perguntava: Vamos admitir que de repente o Presidente Sarney resolvesse dizer ao Sul do País que estava resolvido a ajudar o Sul do País. E ajudar o Sul, seria simples e puramente pegar e dizer: Olha, eu quero o Ministro da Fazenda, porque quem manda é o Ministro da Fazenda.

E eu pergunto aos senhores com toda a tranquilidade: Deve existir, mas estão escondidos. Se tirarmos o Carlos Richbitter, que já é um nome nacional, quem dos senhores colocariam do Sul como Ministro da Fazenda?

Aonde fracassamos? Nós temos excelentes empresários.....

16:35 - 1 -

O SR. DENI SCHWARTZ... aonde fracassamos? Nós temos excelentes empresários, nós temos excelentes trabalhadores. Aonde está o fracasso? Eu tenho dito isso dentro / das Universidades, disse agora na semana passada, acredito que não me convidarão mais. Digo: " Meus caros calouros, de Engenharia Civil, eu venho aqui como engenheiro civil, de uma época em que o engenheiro se formava muito menos para ser engenheiro ou principalmente calígrafo, para sair por aí assinando plantas e cobrando, de obras que o desenhista fez e que ele nem sabe onde fica, mas passa por fiscal. Nós saímos com outra mentalidade, esta Universidade ^{depois} que veio aqui para o Centro Político, ela se fechou nos seus muros e os senhores ficam confinados aqui durante 5 anos e não sabem o que acontece do outro lado da BR, lá onde tem uma favela. Porque, prove com dados, / ^{de Estados} dos 12 Ministros que o Paraná forneceu à Nação nos últimos, desde 1945 até esta data, 07 foram engenheiros. A nossa Universidade, a nossa escola formava, a assembléia era formada por Professores da Escola de Direito, da Faculdade de Direito. Eu digo: / Mas a Universidade desapareceu! Ela não tem nada haver com o mundo que está ali fora, e isto é válido para todos os nossos universitários. Por isso, me parece que o futuro deste Estado, passa também, não só por posicionamento Político mais claro, / mais nítido, mas também por um posicionamento na questão tecnológica.

Nós não temos produzido nada, quem gosta da agricultura, é fã do Globo-Rural. Meu Deus do Céu! Raramente o Paraná que é o maior Estado agrícola do País, e porque não falar da pecuária também, não só na parte da bovinocultura, mas nós temos um plantel de aves, um plantel, um plantel se quiserem invejáveis. Vocês assistam o programa. A Faculdade de Uberlândia, a faculdade de Viçosa, é a escola que não sei aonde, do interior de São Paulo, que produz alguma coisa.

O SR. DENI SHHWARTZ... alguma coisa. Se nós olharmos todos todos os inventos, nós ficamos orgulhosos porque tem stévia, diga-se de passagem o globo teve esta iniciativa. Se existem dentro, devem existir nos institutos, nas escolas, foram feitos só para eles, foi guardado lá. Por isso, passa necessariamente por uma mudança radical com relação a tecnologia, não só na agricultura.

Curitiba e algumas cidades do Paraná têm uma vocação extraordinária para se desenvolver tecnologicamente e para indústria de ponta, temos essa vocação, a cidade industrial de Curitiba provou isso, nós temos um tipo de trabalhador que é invejável, está faltando uma determinação para que a Tecpar não seja meramente aferidor de pesos e medidas. Temos de trazer cabeças para cá. Siga um exemplo: / Nós estivemos falando na Unicamp. Eu há pouco tempo para desenvolver um projeto, acabei batendo em Campinas, e para surpresa minha, acabei numa companhia tecnológica, que foi iniciativa da Prefeitura de Campinas. A Prefeitura ^{de Campinas} com mais 42 empresas, resolveu criar uma companhia, hoje a Prefeitura de / Campinas não tem mais nada, é só para as empresas, tanto que os projetos que eu fui lá pedir, foi orçado em 8 milhões de dólares. Mas vejam bem, a iniciativa da Prefeitura desenvolveu ao lado da Universidade, acabou desenvolvendo uma companhia particular e que pode pedir por um projeto 8 milhões / de dólares. Por que não fazermos isso aqui no Paraná? O Paraná tem gente para isso, tem condições para isso.

Minha gente, eu quero terminar, talvez transmitido que eu tenha ~~ferreção~~ um pouco de angústia, mas terminado / senhores Deputados...

O SR. DENI SCHWARTZ-... mas, terminar Srs. Deputados, para dizer que o que eu tenho ouvido são homens do interior, e aqui / tem outras pessoas do interior. Nós não temos achado a solução; o homem não ficava no interior por quê? Porque não tinha estradas; as estradas foram feitas. Ah, mas, o homem não fica no interior porque não tem energia elétrica; a energia elétrica chegou ao interior.

Não tem escola; a escola do interior do Estado é tão ruim quanto às nossas aqui. Não tem Universidade; este é um problema real, mas, os universitários que estão daí, infelizmente são tão bôias-frias, tão desempregados quanto aqueles que estão lá.

O que nós temos que começar a pensar é na política agrícola. Não adianta, e é uma pena que o prefeito não esteja aí, nós temos no Paraná rurbanas. As pequenas cidades do Paraná nada mais são que rurbanas; os distritos por que é que estão desaparecendo? Porque a estrada e a televisão tira mais facilmente o homem do interior.

Não é por aí o que está faltando e eu tenho um exemplo, para terminar, e que me marcou profundamente agora, na época do carnaval, pois, eu fui à minha fazendinha e encontrei lá, pessoal que normalmente trabalha como avulso lá para nós.

Mas, notei que tinha três ou dois garotos; e eu dizia, / olha eu não quero este pessoal, pois são muito novos, e qualquer acidente... tem problemas. Então, eles disseram, o Sr. Vai explicar isto ali na rua "urbana", vai ali na Nova Vitória, e explique para a mãe deles, que o Sr. não quer mais eles aqui.

Mas, o que é que ouve? Ouve o seguinte: 20 pais resolveram sair de Nova Vitória, lá em Nova Prata do Iguaçu, no Município de Nova Prata do Iguaçu, e aventurar-se para Rondônia, nos garimpos.

Estavam lá, sem poder voltar, o prefeito teve de mandar dinheiro para eles poderem voltar, e as famílias passando fome.

Todos proprietários rurais , pequenos proprietários rurais. Af, a 1ª tendência de nós: é um bando de vagabundos , que não plantam, não sei o que...

Minha gente, como é que este pessoal , proprietário rural iria plantar , se nós passamos seis meses de seca. Eles plantaram , mas, não colheram. Eles não puderam plantar. Esse é o homem que de repente, de tanto ver na televisão a beleza da Bruna Lombardi, e outras mulheres mais bonitas do País, de um lado, e de outro lado, os magnatas todos tomando uísque , com ar condicionado e não trabalhando, ele resolve sair de lá e deixar até a sua mulher , e resolve até achar a sua Bruna Lombardi por aí.

Quer dizer, a própria televisão, e ele não poderia ficar ausente, a televisão tinha que chegar lá, acaba mostrando a ele , que se ele vier para Curitiba, ele pode encontrar por aí alguma Maitê Proença :

Se nós não nos questionarmos isto, nós não vamos resolver o problema urbano , e muito menos o rural. Por isto, Srs. Deputados, / desculpem a minha maneira de dizer, pois, vocês aí estavam com / eminentes professores , homens de reconhecida capacidade , mas, é o momento também de começarmos também a entender o Paraná. E para mim, são duas vertentes; uma de natureza política , e aí passam estes / problemas para os Srs. , e outra de natureza tecnológica .

Nós temos que desenvolver a nossa própria tecnologia; nós temos não só a tecnologia na área industrial , como na área agrícola .

Nós temos urgentemente de pensar em acabar com o soja , no Paraná ; não se surpreendam ; porque se aqui vier o professor Passos , que saiu do IPARDES agora, ele vai dizer uma coisa tenebrosa : os Srs. o questionem .

Os Estados Unidos estão desenvolvendo um vírus, para pôr na semente da soja, que torna as folhas da soja praticamente imunes ao frio . Com isto praticamente todo o território americano poderá plantar soja . Além do mais, nesta questão amazônica , é bom que se diga, há um componente , que poucos talvez, tenham se apercebido, /

07/03/89

EZ

-3-

16:40

pois, está se falando muito da estrada Porto Velho, Acre ...

O SENHOR DENI SCHWARTZ - ... Porto Velho-Acre-Peru, através disso, minha gente, está o interesse brasileiro, lógico, de ter um Porto no Peru. O soja sai de Rondônia, faz ~~tax~~ 3700 km para chegar em Paranaguá ou Santos. Lá ele fará 1.500km, só que quando ele estiver em Santos o Navio japonês ou navio Asiático terá de existir pelo Sul para chegar depois ao Japão. Se ele estiver no porto do Peru ou no porto já do pacífico, com mil e quin entos quilômetros de estradas, nós teremos este ~~distância~~ óleo de soja posto no Japão e lá nos Tigres Asiáticos com muito menor percurso. Mas, neste momento se isso possa ser bom para o Brasil nós também começamos a diminuir aqui. Passa ser mais vantajoso plantar soja lá do que aqui. O que poderá substituir o soja? Senhores Deputados façam uma visita a São Paulo e descubram, se já não descobriam, se São não se orgulha de ser o maior produtor de milho nem o maior produtor de soja nem o maior produtos, hoje acho, de café. Ele tem determinados produtos ~~que~~ que tem valor. Nós ~~que~~ ficamos subsidiariamente produzindo produtos de pouco valor e parece por aí passa o futuro desse Estado, a pedra de edificação de seu agricultor.

Muito obrigado.

(PALMAS)

O SENHOR PRESIDENTE(Rafael Greca) - ~~XX~~ Eu passo a palavra ao produtor César Muniz, Presidente da Associação Nacional das ^{Ent}ntidades Produtoras de Experimentos de Tecnologias Avançadas e membro do CITIPAR e agradeço ao Ex-Ministro Deni Schwartz, nosso colega e ex-Deputado, a oportuna palestra questionadora, bem a estilo do que esta Comissão espera com relação a instrução que os Deputados precisamos ter em quanto às perplexidades do Estado com relação ao Desenvolvimento.

Eu peço só a sua atenção um pouquinho, Ministro, porque o Deputado E Costenaro queria fazer uma observação!

observação à sua intervenção e como membro da comissão ele tem esse direito.

O SENHOR ANTONIO COSTENARO - Era só para dizer, Ministro, que nós comungamos com a sua idéia. Realmente nós achamos uma visão brilhante do que está acontecendo agora.

Nos gabinetes, o Senhor já foi Deputado e sabe muito bem como as pessoas carentes, como os desinformados, os que sofrem todas as dificuldades nos procuram. E a gente vê aqui no Paraná acontecer, vimos acontecendo, em função dessa pequena estiagem ~~microscópica~~ que teve aí este ano de quatro ou seis meses, quantas famílias se deslocaram do interior do Paraná para a Capital e batem às portas dos nossos ~~gabinetes~~ gabinetes precisando voltar, porque não conseguem ~~viver~~ sobreviver na Capital do Paraná.

Agora, tudo isso é questão de política, também acho, porque é a política, às vezes, da mídia do Prefeito da Capital, do político da capital ou até do próprio Governo do Estado, queremos vender a imagem das maravilhas que aconteçam. A questão de Curitiba, a cidade bela e justa, nos orgulha de sermos paranaenses, de estamos morando em Curitiba, mas, cria a ilusão à aqueles que moram nas urbanas. Porque é exatamente como V.Exa. diz. O mais do Paraná ele é composto totalmente de pequenas cidades, todas bem próximas umas das outras, com infraestrutura, mas, reina a ~~miséria~~ miséria, embora a riqueza esteja em volta com os cafezais, com a terra rica, com a alta produtividade, mas, reina a miséria do homem pobre, que ficou desempregado pela superproteção do sistema ~~trabalhista~~ trabalhista, do sindicalismo principalmente. E ~~superproteção~~ que criou uma superproteção e o proprietário, naturalmente, teve que se desvencilhar do seu trabalhador, porque senão ele tem que entregar a propriedade e somar a mais daqueles que deixou de ser proprietário para ser

para ser b6ia-fria.

Ent6 , esse ~~problema~~ problema do ~~gran~~ paranaense realmente ele 6 , eu acredito que ele possa ser promissor, mas, 6 necess6rio que todos n6s tenhamos uma soma de esforcos ' muito grande e que passamos a mudar ~~em~~ a pol6tica do Paran6 , ' mesmo at6 da comunica76o que cria ~~fantasia~~ fantasia, como o Sr. usou o exemplo Mabel, cria fantasia na cabe7a das pessoas desinfirmadas e que ~~se~~ muda daqui para l6, de l6 para c6, criando dificuldades e acreditando em fantasias.

6 necess6rio ~~que~~ que n6s comecemos viver ' um novo tempo, o tempo da comunica76o em que o homem seja informado pela veracidade dos fatos,

Muito obrigado.

O SENHOR PRESIDENTE(Rafael Greca) -

O SR. PRESIDENTE (Rafael Greca) - Dent e da instrução que nós imaginamos e Dr. Cesar Muniz vai falar sobre as Tecnologias Avançadas, as Novas Possibilidades em Tecnologia a serem implantadas no Paraná.

O DR. CESAR MUNIZ - Sr. Presidente, Srs. Deputados.

O Ministro Deni Schwartz nos trouxe um pouco de angústia que também é o tempero da alma, mas eu também gostaria de levantar um outro ponto, que um ponto de um certo otimismo, porque nós temos tido a oportunidade de trazer para o Estado do Paraná inúmeras missões de técnicos e de empresários europeus e eles aqui chegando, realmente são tomados de imenso espanto porque a visão que a Europa tem do nosso País é bem diferente da realidade que aqui encontram.

Inclusive há algum tempo atrás o Presidente de um centro de valorização de produtos agrícolas de uma região francesa me disse: olha Cesar se eu tivesse trinta anos eu viria para Paraná, porque o que aqui encontrais realmente é de entusiasmar. Esta pujança, esta iniciativa que existe no Interior do Estado realmente é promissora e indício de que o Estado, aqui no Paraná se poderá criar uma nova perspectiva de vida.

Mas tudo isso passa naturalmente pelos problemas, alguns deles conjunturais que hoje nos angustiam e muito daquilo que se disse aqui reflete esta situação de dano econômico pela qual, o Brasil passa. No entanto podemos achar que uma vontade nacional poderá reverter esta situação e poderemos aos poucos retomar aquele espírito mais otimista e de trabalho, desenvolvimento que já tivemos em outras épocas.

Eu lembraria um pensador francês na metade do século visitando o Brasil e conhecendo o Estado de São Paulo e o Interior do Rio País, escreveu depois um livro, Levi Straus, escreveu ~~aproximadamente~~ Os Dois Brasis. Realmente na nossa sociedade existem dois brasis, como existia na época. Um País próximo e livre dos problemas e países mais adiantados e um país miserável, um país que não consegue trapessar as fronteiras. E o nosso drama é que ~~esses~~ esses dois brasis convivem e volta e meia o Brasil pobre ameaça o Brasil mais desenvolvid

~~desenvolvido~~ desenvolvido. E como ultrapassar, como vencer este problema permanente, como já foi falado aqui anteriormente pelo professor Magalhães nos deixou bem claro que nós Paraná não podemos imaginar nessa solução para do Brasil, por outro lado o Brasil não pode também ~~imaginar~~ pensar numa solução fora do contexto mundial e eu gostaria de dar uma rápida, antes de falar sobre o que se poderá fazer, o que se está pretendendo ...

O SR. CÉSAR MUNIZ - ... o que se poderá fazer, o que se está pretendendo é algumas perspectivas para a Ciência e Tecnologia e desenvolvimento de empresas de bases tecnológicas do Paraná, eu gostaria de dar uma rápida olhada do que acontece no mundo para que a gente possa encontrar alguns pontos que poderemos utilizar para o nosso desenvolvimento.

Inicialmente nós vemos que a Ciência no século XX teve um desenvolvimento espantoso. A partir da Ciência foram feitas criações das aplicações através de tecnologias novas nos meios de produção que vem dar ao próprio Capitalismo um fator novo e dinâmico criando uma nova Revolução Industrial. Nós presenciamos hoje uma transformação profunda dentro do processo econômico mundial, e isso nós sentimos nas nossas coisas. Quando se diz, por exemplo, que hoje na França, através de um programa patrocinada pela empresa telefônica, entrega a cada usuário um pequeno computador e coloca esse usuário dentro de um sistema do qual ele pode tomar conhecimento do que acontece no mundo e de uma série de informações e ao mesmo tempo ele pode ser consultado da sua espontânea opinião, e já se fez até um teste, realizou-se um programa de televisão, e o Prefeito de uma cidade apresentou uma programa de obras e perguntou aos seus municipais se eles estavam de acordo ou não, e em prazo de uma hora ele teve o resultado, a população imediatamente colocou o seu ponto de vista.

Então, são transformações que vieram alterar profundamente as próprias relações entre as pessoas e as próprias relações entre as pessoas e o poder.

Pois bem. Este desenvolvimento da Ciência e esse aprimoramento da Tecnologia se acentou principalmente a partir da 2ª Grande Guerra, onde dramaticamente nós tivemos conhecimento de novas armas com poderes infinitamente maiores que as armas antigas.

Assim, Ciência e Tecnologia imediatamente transformou-se num sinônimo de poder, e poder nos seus diversos campos: o poder militar através do armamento, de novas armas, através da utiliza-

ção da Informática e de novos materiais, foram conseguidas possibilidades bélicas nunca antes imagináveis. Assim, a Ciência e Tecnologia torna-se um instrumento de poder militar.

E por aí vai. A indústria espacial, as aeronaves que visitam o espaço só foram possíveis porque a Informática e os novos materiais deram condições, deram meios para que o homem pudesse sair do seu planeta e ~~para~~ atingisse outros mundos.

Dentro do poder econômico, a Ciência e a Tecnologia cada vez mais se faz presente, e é importante. E as classes empresariais e os sindicatos operários dos países onde isso se torna bem evidente, cada vez mais estão preocupados e tentando participar no direcionamento da utilização da Ciência e Tecnologia.

Na Agricultura já foi falado aqui anteriormente - é possível desenvolver sementes que resistam naturalmente através de processos internos, bioquímicos delas a pragas. É possível desenvolver espécies - como foi falado aqui da soja - que tenham condições de sobreviver em climas frios. É possível intervir no processo de crescimento de animais e de plantas, multiplicando a produtividade da produção agrícola e da da produção animal.

Tudo isso através...

17.00 .1.

O SR. CESAR MUNIZ - ... tudo isso através de processos biotecnológicos. E vem portanto alterar substancialmente a perspectiva e as políticas agrícolas dos países desenvolvidos. Na indústria, a transformação que nós vivemos através da introdução da informática, a automação e a robótica, o aumento da produtividade dos produtos industrializados, a precisão, o atingimento, a precisão de micros fazendo com que nós possamos multiplicar os efeitos das nossas máquinas, nós podemos aumentar a resistência dos materiais conhecidos, a produção de novos produtos químicos capazes de combater doenças antigamente não vencíveis. Tudo isso através da adição de processos e tecnologias que criam novos produtos. Melhorar a condição de vida da população através da tecnologia nós podemos favorecer, com a multiplicação, por exemplo, de alimentos, a população tenha acesso à alimentação. Transportes: modificações havidas nos meios de comunicação também é outro capítulo, de todos os níveis, desde o espaço até a transformação, até o transporte de produtos agrícolas. Tudo isso leva a que a ciência e tecnologia, hoje, tenha um papel fundamental na sociedade moderna e a sociedade que desconhecer este fato está fadada a permanecer fora desse desenvolvimento mundial.

Também a tecnologia traz efeitos profundos na estrutura da economia. Vejamos os fatores de produção, a mão de obra que antigamente era um fator favorável, inclusive nós no Paraná muitos diziam que temos mão de obra abundante, quando falávamos na vinda de outras indústrias para o Estado. Hoje o importante é ter mão de obra especializada, não de obra comum de atuar, de desenvolver novos processos, novos sistemas, de desenvolver novos produtos, mão de obra que está associada ao desenvolvimento da pesquisa e da tecnologia, mão de obra associada à universidade que realmente cumpra sua função e atue dentro da ciência e tecnologia e transfira esse seu conhecimento para a população. De maneira que a mão de obra que antigamente era um fator favorável dos países subdesenvolvidos, hoje começa a não ser mais...

o fator fundamental do desenvolvimento econômico. Os próprios recursos naturais através de novas tecnologias criam novos materiais que vêm substituir materiais antigos com maior precisão até. Se criam matérias sintéticas que vêm substituir produtos naturais. O capital também passa a ser da simples disponibilidade, ~~mas~~ existência de recursos financeiros em grupo passa a ~~estar~~ estar associado à existência do "know-how", à existência do conhecimento para a transformação daqueles produtos. E nós vemos cada vez mais os grandes grupos internacionais aplicar em tecnologia porque sabem perfeitamente, que tão ou mais importante que o capital nos dias de hoje é o conhecimento. De maneira que a empresa e isto vale para o país, a empresa e o país que quiserem acompanhar hoje, do mundo, não pode ficar fora do desenvolvimento científico e tecnológico. Nós vemos, em micro escala, aqui no Brasil, o poder econômico de São Paulo sustentado por uma sólida base tecnológica. Claro sólida em termos nacionais. E quando o ministro falava da substituição de produtos, o que São Paulo está fazendo naturalmente se referia a isto de que São Paulo hoje tem condições de transformar, de criar processos de transformação dos seus produtos e de outra forma também...

O SR. CEZAR MUNIS: ... São Paulo hoje tem condições de criar processos de transformação de seus produtos e participar da competitividade mundial através da exportação de produtos industrializados.

Gostaria de deixar alguns pontos importantes: um deles seria o papel do Estado. O Estado é o elemento fundamental de desenvolvimento da ciência e tecnologia em todo o mundo. Não existe hoje País no mundo, país desenvolvido, país em processo de desenvolvimento onde o Estado não jogue um papel fundamental.

Dentro do mundo ocidental, de uma economia privatizada, ele abdica do processo de produção. Não é o Estado que produz, mas é o Estado que do outro lado garante a existência de uma pesquisa permanente nos grandes centros. Ele financia o desenvolvimento tecnológico através das Universidades, dos centros de pesquisa, principalmente através de projetos.

Também faz grandes encomendas e vemos o motor que foi para a economia americana, o que os Estados Unidos investiu em pesquisa através de encomenda de desenvolvimento de produtos nas suas empresas, dentro do setor de informática, indústria de armamento, aeronáutica e indústria de transportes e foi graças a essa intervenção do Estado através de encomendas que permitiu que houvesse um extraordinário desenvolvimento de uma série de indústrias com novos materiais.

O mundo ocidental conseguiu transferir o crescimento da tecnologia para o dia a dia para o bem estar da população, o que não aconteceu na Rússia onde o desenvolvimento tecnológico ficou preso entre armamento e indústria espacial e eles não conseguiram transferir os processos tecnológicos para o setor produtivo. Entre eles, pela dificuldade, pela burocracia e pela falta de iniciativa que existe naquele país.

Nós aqui no Estado do Paraná temos uma força de iniciativa muito grande. Estamos acostumados a vencer

barreiras, poderemos formar um projeto onde o desenvolvimento científico e tecnológico exerça um papel importante e possa ser transferido para o setor produtivo e o bem estar da população.

Infúmeros países têm criado programas especiais de incentivo a tecnologia e à criação de empresas de base tecnológica.

Nos Estados Unidos, como se costuma dizer que é um país onde a iniciativa privada não tem nada a ver com o Estado, nos Estados Unidos existem grandes programas onde o Estado dá de graça o capital inicial para a criação de uma empresa que tem um produto novo de base tecnológica.

O capital inicial é dado através de programas especiais.

No mundo inteiro existe hoje um movimento chamado à realização de parques tecnológicos que são locais, distritos industriais que estão próximos ou dentro de um setor de pesquisa, mas dentro desse parque tecnológico vão desenvolver produtos baseados em tecnologias transferidas para os parques.

Eu participei no ano passado de um Congresso de parques tecnológicos que foi feito para duzentas - pesquisas(?) e compareceram mais de 400 e se viu que praticamente no mundo inteiro hoje, existe um parque tecnológico funcionando e fazendo essa transferência de tecnologia do centro de pesquisa para a empresa privada.

Então o Estado serve como um indutor dessa transferência. Existe também outro instrumento como por exemplo, a criação de empresa de capital de risco, públicas ou privadas, ~~extante~~ ^{antes} criadas para apoiar ...

O SR. CEZAR MUNIZ - ... exatamente criadas para apoiar estas iniciativas dentro da área.

O modelo brasileiro de desenvolvimento, hoje existe um estudo do ENDS, onde dentro de um dos trabalhos dos cenários, e um destes cenários, nos fala como uma saída para o País o modelo de integração competitiva. Onde temos o crescimento do mercado interno e a expansão das nossas exportações. Este modelo que é apresentado como a saída para o País está baseado na eficiência da empresa brasileira; a eficiência dentro do seu desenvolvimento organizacional, tecnológico e operacional. São fundamentais para este crescimento, esta integração a nível mundial, deem apoio às chamadas cinco áreas, as chamadas áreas de ponta: informática, biotecnologia, mecânica de precisão, química fina e novos materiais.

No Brasil nós já vemos uma dificuldade para nós, por exemplo. A concentração da pesquisa e graduação do Brasil se faz hoje em termos de São Paulo e de Rio de Janeiro de uma maneira espantosa. Estudo recente da Secretaria de Ciência e Tecnologia no Rio de Janeiro nos dá aqui 60% da produção científica nacional estão no Rio de Janeiro e São Paulo. Ao Paraná, Minas Gerais e Rio Grande do Sul, teriam 8% cada um destes Estados. O Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul com um percentual não maior do que 3%.

Vejam o atraso relativo que nós do Paraná temos dentro do sistema de Ciências e Tecnologia a nível nacional. Estamos situados num nível abaixo de 3%.

Assim é que precisamos, e eu deitaria esta idéia, criar para este campo específico um modelo de desenvolvimento, um modelo de desenvolvimento tecnológico que pudesse dar condições para que o Paraná melhorasse esta sua posição e pudesse transferir com eficiência, de onde existir a

tecnologia necessária para o nosso setor produtivo. Falo de onde existir porque a tecnologia pode existir e ser criada nas nossas Universidades, nos centros de pesquisas e também fora do Estado. E não deve para nós ser uma barreira ir buscar fora do Estado.

Existem algumas tentativas para criação de um modelo paranaense, existem estudos feitos, existem atividades de diversos órgãos no Estado do Paraná do setor público e privado, todos eles tentando exatamente criar uma mentalidade para que exista no Paraná este desenvolvimento tecnológico e este desenvolvimento tecnológico só existirá na medida em que a sociedade paranaense se convencer da sua necessidade.

Gostaria de colocar este caminho como uma das soluções, não como uma solução porque não existem soluções, o nosso problema deve ser resolvido por partes de maneira que a tecnologia pode ser uma das soluções e poderá ser utilizada para a melhoria das condições de vida do nosso Estado.

Um dos modelos que foram apresentados, é um programa - e deixarei à disposição dos Senhores Deputados - o PROTEC- Programa de Apoio, Criação e Atração de Empresas de Base Tecnológica e de Tecnologia de Ponta -, um programa que foi feito a partir da comunidade, não foi feito por um órgão oficial, foi desenvolvido

~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ -1- 17:16 L.I C. ORDEM ECONÔMICA E SOCIAL

O SR. CELSO MUNIZ : - ... ele foi desenvolvido, foi criado em seminários entre técnicos, empresários e Professores Universitários.

Ele foi terminado no ano retrazado, no ano passado o Governo do Estado transformou em programa oficial, que vem dando seguimento.

No entanto, me parece que que nós estamos muito tímidos nesse caminho, precisaríamos realmente motivar, mais forças e motivar mais a Sociedade Paranaense, mais o poder político, para que endossasse realmente, criasse finalmente um modelo a nível de Estado e que corresponda aos interesses das diversas camadas sociais.

Neste modelo inicial que foi entregue à Sociedade Paranaense, existe uma vontade de modernização da economia modernizaçã: através de adoção de tecnologia, de onde existir, através do desenvolvimento de atividades junto às Universidades existentes, que devem ser apoiadas e incentivados nesse caminho e também pressupõe a vinda ou a procura de tecnologias necessárias ao nosso setor industrial, ao nosso setor produtivo, melhor dizendo, trazidas do exterior.

Esta modernização não seria exatamente a modernização daquilo que nós temos, não necessariamente uma procura, uma adoção, das industriais de ponta, que talvez na sociedade como um todo esteja ainda prematura. Embora, ainda em alguns campos seja indicado já entrar por esse caminho.

No entanto, que a Sociedade Paranaense precisa, é a modernização do seu parque, é o melhor beneficiamento dos seus produtos agrícolas a procura de tecnologia que venham beneficiar os produtos que nós vendemos in natura, que precisamos aumentar agregar valor e desenvolver e produzi-los aqui no Estado.

Além dessa modernização foi indicado uma seleção de áreas de desenvolvimento tecnológicos adequadas a Economia do Estado do Paraná, nesta seleção de áreas entrou a bio tecnologia (cosmetronica) novos materiais e alimentos.

Além disto eu gostaria de ressaltar a importância de mecanis-

O SR. CEZAR MUNIZ : - tância de mecanismos e de instrumentos que a Sociedade Paranaense deve adotar para com mais rapidez, alcançar esse Modelo, que seria um trabalho grande nas Universidades, pressupõe capacitação das Universidades e uma ligação das Universidades com a Sociedade, um trabalho de transferência, do trabalho desenvolvido da pesquisa desenvolvida na Universidade para a Sociedade ...

Dentro disso, a criação de algumas incubadoras tecnológicas, que estão previstas no programa, que seriam locais onde se desenvolveriam um Projeto entre pesquisadores e empresários, e na incubadora desenvolveriam projetos de produtos, depois seriam transferidos para a posição do sistema normal e industrial, e ainda, me parece fundamental nós encontramos um outro mecanismo importante de apoio as novas iniciativas, que seria a criação (ininteligível), eu colocaria à atenção dos Srs. Deputados, como fundamental, para o apoio dessas iniciativas, todas, a criação de uma ou mais empresas de capital de risco, ela pode ser pública, privada ou mista, ou pode existir até duas, uma do setor público e do setor privado.

Existem inclusive, e queria sugerir a transferência de alguns incentivos criados, para o setor privado, transferência do percentual desses incentivos para a criação de uma empresa de capital de risco, que funcionaria a partir dos empresários, seria privado, estritamente privado.

De maneira, que há mecanismos, há possibilidades há condições, de se criarem, essa Empresa de Capital de risco.

Eu acho que aí, lamentando um pouco talvez o desconexo dessas idéias, mas são algumas idéias fundamentais que ...

O SR. CÉSAR MUNIZ: ... fundamentais que eu reputo, para que o Estado estabeleça uma política de ciência e tecnologia.

Eu só queria, finalmente, fazer um reparo, que para mim é muito importante, embora seja um detalhe, é que além de ser Presidente da AMPLOTEC e Diretor do CITYPAR, são adjetivos, e substancialmente eu sou técnico do BADEP, do qual muito me orgulho, de maneira que agradeceria a atenção dos senhores e me ponho à disposição. (Palmas)

O SR. PRESIDENTE: Nós agradecemos o Dr. César Muniz pela sua participação e vamos prosseguir o nosso painel, agora convidando para a mesa o Dr. Wilson Tissen, Presidente da Organização das Cooperativas do Estado do Paraná e que vem falar sobre o que o cooperativismo, no setor agrícola, espera na nova Constituição ou da nova Constituição. E eu convido, também, o Dr. Paulo Carneiro Ribeiro para já vir tomar assento à Mesa. E nós transformamos as duas comunicações num mesmo painel.

O SR. TISSEN: Senhores Deputados, minhas senhoras e meus senhores, eu acho que foi muito providencial estar já na mesa com o Dr. Paulo Carneiro, porque foi-nos pedido para falar sobre cooperativismo e agricultura, e como nós, no Estado do Paraná, temos um trabalho entrosado e integrado com a própria Federação da Agricultura e também porque o cooperativismo, a cooperativa, é extensão do produtor. E tudo o que ocorre na vida do produtor interessa à cooperativa. E especificamente no campo político, reivindicatório e de defesa do produtor, nós sempre temos falado a mesma linguagem, participamos na frente ampla da agropecuária brasileira, inclusive na comissão executiva, este ano. E possivelmente muitas coisas que eu vá falar o Dr. Paulo também vá falar, porque nós sempre temos trocado idéias e temos vivido o problema do produtor paranaense, ao longo destes anos.

Eu gostaria, se a Mesa me permitir, rapidamente, trazer ao conhecimento dos Deputados, do que representa, hoje, o cooperativismo no Estado do Paraná, para que haja um entendimento deste segmento organizado. As primeiras cooperativas do Estado surgiram em 1910. Temos, então, portanto, já 79 anos de cooperativismo no Estado, que começou inicialmente com cooperativas de lenha, cooperativa dos empregados da Refe Ferroviária Nacional, S/A. Em 1911 nós tivemos as cooperativas dos imigrantes, mais especificamente de um grupo holandês a Batavo. Na década de 50 as cooperativas dos cafeicultores, no desenvolvimento da cafeicultura do norte do Paraná. E a grande expansão do cooperativismo no Estado, começou na década de 60, com o binômio trigo e soja. E, basicamente, então, como estava dizendo, a partir de 60 com esta expansão, nós chegamos hoje a 89 com aproximadamente 300 mil associados das nossas cooperativas dos vários segmentos, quer na cooperativa de consumo, trabalho, eletrificação rural. ~~XXXXXXXX~~ Mas, por sermos um Estado eminentemente agrícola ...

O SR. WILSON TISSEN - ... mas por sermos um Estado eminentemente agrícola e evidentemente é a grande força, fica no cooperativismo vivo, hoje estamos em torno de 200 mil produtores cooperativados, das nossas cooperativas agropecuárias. E envolvendo hoje o nosso segmento organizado hum milhão e trezentos mil paranaenses ligados diretamente ao sistema cooperativista.

E a responsabilidade que pesa hoje sobre os nossos ombros são muito grandes. Nós sempre dizemos que a medida que se cresce e se organiza um segmento as responsabilidades também se multiplicam rapidamente. Hoje as nossas cooperativas são responsáveis por 61% do produto interno bruto na agropecuária paranaense. É muita responsabilidade para um movimento muito novo e se nós somos responsáveis por 61% da produção agropecuária e o Paraná é responsável por 60% da produção brasileira, nós somos responsáveis por 15% da produção brasileira.

E a expansão também que foi dita aqui, nós passamos nos últimos 10 anos a representar e ter a responsabilidade de 16% do parque agroindustrial do Estado, indústria de transformação.

E eu gostaria aqui de deixar também caracterizado que é muito importante para nós, que nós como o movimento cooperativista, a cooperativa é um meio, não é o fim. O fim é o homem, é o desenvolvimento. E desses 200 mil produtores, nós temos 61% que é de mini e pequenos produtores e médios produtores, até 35 hectares. E 28% restantes, são médios. Então é um movimento de defesa do produtor, aonde nós procuramos através do econômico, ajudar a resolver o social.

E eu aqui me permito a ter a liberdade de me anteceder, que se fôssemos fazer uma pesquisa no Estado do Paraná, uma avaliação do desempenho do cooperativismo, possivelmente foi o instrumento do Estado que mais segurou o êxodo rural, porque se nós ainda temos 400 mil propriedades rurais produtivas no Estado do Paraná, pequena e média, eu acho que o cooperativismo foi o grande responsável de segurar a viabilidade da pequena e média propriedade.

E aí nós temos que ser muito práticos. E eu acho que o s

tido da execução, que não seja filosófica na defesa do agricultor, é muito importante. Porque se o produtor não tivesse um sistema eficiente de fornecimento de insumos a preços baixos, compatíveis com a produção como agente de equilíbrio, se não tivesse assistência técnica compatível, pesquisa e sobretudo uma estrutura eficiente de comercialização, no sentido de valorizar os seus produtos, eu não tenho dúvida que talvez a grande maioria percentual desses produtores hoje estavam engrossando os bolsões de pobreza nos grandes centros urbanos.

Então eu acho e espero que a grande responsabilidade é nossa. Então dentro dessa linha de raciocínio nós desenvolvemos algumas atividades aqui citadas também há pouco por quem me antecedeu, nós desenvolvemos inclusive um trabalho de pesquisa, como complemento até do trabalho desenvolvido pelo Estado. Nós do cooperativismo temos um centro de pesquisas, que também concordamos, este ano estamos fazendo 15 anos que trabalhamos na área de pesquisa do trigo, soja, milho, e estamos entrando na pesquisa do algodão e podemos dizer que nestes 15 anos já lançamos 15 variedades de trigo e soja e hoje a semente de soja, a variedade mais plantada no Estado, variedades produzidas sob as custas e a despesa, com recursos do próprio agricultor paranaense.

Isso é muito importante e aqui dizer, como o Ministro Deni Schwartz tinha se referido no trigo, um dado que nos impressiona é que hoje o Paraná, responsável por 55% da produção do trigo brasileiro nós tivemos no último decênio uma produtividade de trigo de 86%, produtividade essa que nenhum país do mundo alcançou num período tão curto e que o próprio trabalho da triticultura, a defesa da triticultura, foram feitos vários trabalhos e mandados inclusive aos senhores parlamentares evidenciando, foi mandado um trabalho completo evidenciando a importância da triticultura aos Prefeitos, Vereadores, Presidentes de Sindicato

WILSON THIESEN -... um trabalho completo evidenciando a importância da triticultura aos prefeitos, vereadores, presidentes de sindicatos, Deputados estaduais e federais a toda a imprensa porque nós vemos as grandes inverdades que a falta de visão patriótica de coisas que querem destruir nossos avanços tecnológicos, fazer retroceder no tempo e no espaço por que nós sempre dizemos hoje para lançar uma variedade de qualquer cultura leva no mínimo 10 anos. A medida que você para você retrocedeu no tempo e no espaço e possivelmente nunca mais você vai reconquistar o espaço perdido.

Então, aqui só me reportando, inclusive que existe, nós teremos depois o máximo prazer de encaminhar à comissão esses trabalhos sobre trigo, até para desmistificar as grandes inverdades que são ditas como aqui a reportagem que foi lida aqui da Revista Veja onde dizem que nós temos produzido trigo mais caro que outros países. São grandes inverdades. São mentiras de pessoas que deviam essas pessoas que estão dizendo isso responder por processo criminoso.

É de conhecimento público que a maioria dos países que produzem trigo mantêm subsídios em torno de 100, 110 dólares a seus produtores. Nós temos visto que prova que nós últimos 4 anos nosso produtor recebia trigo a 240 dólares, passou à 220, passou para 200, baixou para 186 e nós continuamos aumentando a nossa produção por um ganho de produtividade, pela eficiência do nosso produtor.

E quando se fala nessas importações de trigo se dá um preço (fob) junto ao preço (cife) . Se nós formos agregar todos os valores seguro, frete, taxa de renovação de Marinha Mercante todos os outros componentes agregados nós temos o ~~ensu~~dos que provam que o nosso trigo é mais barato do que qualquer trigo que o país está hoje importando.

Então, essas coisas todas, como foi dito, acho que a classe política tem que ajudar a classe produtora na

defesa do produtor e do estado, porque nós aqui reforçamos. O Estado do Paraná não pode viver sem o trigo, porque nós podemos investir, que são mais de 100 mil agricultores hoje, investimos na infra-estrutura, até para viabilizar o pagamento dos nossos armazéns e da própria cultura de soja nós temos que ter o binômio porque nós não temos uma cultura para substituir a mesma área do trigo.

Então, essas coisas todas precisam ser analisadas e o Estado se posicionar em termos de defesa.

Mas, eu só fiz esse parênteses do trigo. Depois eu creio que o Paulo vai colocar mais algumas coisas, para dizer que é importante nós mantermos unido a classe produtora com a classe política. Nós temos feito um esforço muito grande no Estado no sentido até do bloco parlamentar da agro-pecuária porque nós achamos que realmente esse é um momento histórico, que os nossos canais de comunicação têm que ser a classe política de nos dar o respaldo no momento em que temos inclusive, de transição e afirmação da própria viabilidade da nossa agricultura.

Eu gostaria, só para concluir, trazer aqui uma síntese de algumas propostas que nós temos do cooperativismo da Constituinte Estadual. Mas, vamos deixar, depois encaminharemos com mais detalhe. Mas, nós temos o seguinte.....

min

07/03/89

17,35 hrs.

-1

O SR. ~~WILSON FERREIRA~~ ^{WILSON FERREIRA}:-...nós temos o seguinte:- no setor econômico e social, nós estamos solicitando um estímulo de fomento de cooperativismo, em todas as duas formas de atividade. Essa proposta já foi consagrada a nível federal, e a nossa Proposta tem como objetivo desenvolver a prática salutar do cooperativismo, como forma de suprir as necessidades comunitárias. A Proposta é que o cooperativismo seja tido como um instrumento / através do qual o Estado desenvolva os seus programas. Neste caso a proposta tem como objetivo assegurar a participação do cooperativismo nos programas desenvolvidos pelo Estado, tais como:- habitação, desenvolvimento rural, ~~habitação~~ eletrificação, saúde e outros programas de interesse do Estado, onde o cooperativismo pode servir como instrumento de alavancagem e de viabilização desses / programas.

3) Estímulos fiscais empreendedícios para o desenvolvimento agro industrial com a implantação de sistema de telefonia, eletrificação rural, saúde, educação, etc.

Entendemos que essa proposta, se adotada for / evitaria o fluxo campo-cidade, estimulando o homem do campo a permanecer em seu habitat natural. Como já disse o ex- Ministro, quando se referiu à soja no Oeste, queríamos comunicar que nossa cooperativa tem hoje, 8 indústrias de soja e que no Oeste também nós já temos três indústrias da cooperativa, da Cotreval, de Marechal Cândido Rondo e da Copavel, que esse é o caminho relamente de / industrializar e vendermos mão-d-obra do serviço nosso, do meio rural.

4) Assegurar que o cooperativismo, através de seu órgão de representação ~~seja~~ ^{esteja} sempre em seus colegiados e órgãos estaduais em que a iniciativa privada tenha assento.

O cooperativismo atua em todos os ramos da atividade humana, e em via de consequência tem interesse no desenvolvimento dessas mesmas atividades, assim assegurando-lhes a participação

17:40 - 1 -

O SR. WILSON THIESEN... reforma agrária onde poderia ser feito através das cooperativas que têm / todo um instrumento de retaguarda para jogar nesse processo.

Um outro aspecto que me preocupa no / meio rural, nós gostaríamos também ^{de ver} fluída na Constituição Estadual o problema da segurança no meio rural, de que faz-se / necessário assegurar condições de segurança no meio rural / com alocações de recursos, pois muito embora haja uma, está / havendo uma constante transferência de recursos do campo para a cidade, e aqueles não recebem os benefícios inerentes, apesar dos esforços, acho que está chegado o momento de se adentrar mais no problema de segurança no meio rural, onde nós já temos sérios problemas, são momentâneos inclusive esses problemas de segurança.

Nós gostaríamos de deixar mais algumas propostas que são das demais áreas, não é especificamente desta comissão.

Na parte de educação, também tem uma proposta nossa de instituírem todos os graus de ensino Público a disciplina facultativa de ensino cooperativismo. Isso é uma luta grande na área de educação, eu acho que nós temos que formar as futuras gerações, nós temos investido muito com os próprios recursos próprios, nos últimos 5 anos nós treinamos mais de 12 mil entre empregados e dirigentes de nossas cooperativas, este ano mesmo nós estamos realizando mais de 110 cursos para nossos dirigentes, inclusive à nível de pós-graduação em convênio com a Universidade, estamos construindo / centro de treinamento para os nossos dirigentes, mas nós vemos que isso poderia ser tremendamente (INAUDÍVEL)... se / tivéssemos respaldo Público do ensino Público como matéria facultativa.

Outro aspecto também que gostaríamos de reforçar é a ciência e tecnologia: Um incentivo ao desen- /

O SR. WILSON THIESEN... ao desenvolvimento tecnológico e pesquisa Pública e privada, bem como, a formação e aperfeiçoamento de recursos humanos nessa área / ciência e tecnologia. Nós temos ainda nesse setor uma proposta, que eu acho que teria que ser estudado a destinação de uma parcela dos impostos estaduais ao desenvolvimento científico e tecnológico, evidentemente nós nunca vamos ter independência se nós não tivermos domínio da ciência e da tecnologia. E também, preocupação do cooperativismo com relação ao meio / ambiente, Nós precisamos o uso adequado do solo, a preservação do meio ambiente e dos ecossistemas essenciais. E com referência à saúde também, a participação do cooperativismo nas ações Públicas e um rígido controle sanitário, que é um problema que nós temos tanto, hoje de controle, tanto na área animal como na área vegetal, de programas inclusive preserve a / qualidade da nossa profissão e que não nos feche, que não traga problemas ao consumidor, como também não feche as portas / aos mercados. Então, rapidamente, eu agradeço a oportunidade, também nos colocamos a disposição, a gente vai deixar essa / memória, depois nós teremos o máximo prazer em encaminhar com mais detalhe à comissão. Muito Obrigado.

O SR. RAFAEL GRECA (PRESIDENTE) - Ao receber, Doutor Wilson as propostas do cooperativismo para a Constituinte estadual, em nome da Assembléia Nacional Constituinte, nós agradecemos e o felicitamos pela oportuna explanação. E nós temos visto, isto eu quero mostrar, lembrar a plenária que tem surgido diversas contradições entre os vários expositores, essas contradições todas devem servir para que se avance no pensamento do Paraná que nós merecemos, que certamente não é o que nós ainda temos. Com certeza nós havemos de conquistar em contradições como a sua. Eu passo a palavra para o Presidente da Federação de agricultura do /

07/03/89

17:40 - 3 -

ACS

O SR. PRESIDENTE (RAFAEL GRECA)... de agricultura do Estado
do Paraná.

O SR. PAULO CARNEIRO - ...

07/03/89

EZ

-1-

17:45

O SR. PAULO RIBEIRO- Sr. Presidente, Deputado Rafael Greca de Macedo,

Srs. Deputados, minhas Sras. e meus Srs.

Era minha intenção, desde que fui intimado pelo Presidente, a estar / aqui, mas, o prazo, muito curto, era minha intenção complementar uma exposição que fizemos com esclarecimentos adicionais.

Mas, dado ao adiantado da hora, e como eu fui também parte viva, integrante de vários episódios aqui relatados da história da agricultura paranaense, isso facilitou a minha assessoria em compor em rápido tempo, esta nossa modesta participação.

A política agrícola do País é monopolizada pelo Governo...

Continua lendo. Cópia anexa.

"PERSPECTIVAS DE DESENVOLVIMENTO AGRÍCOLA ESTADUAL"

A política agrícola do país é monopolizada pelo Governo Federal. É ele quem elege prioridades, fixa os preços, define as regras do crédito, fornece recursos para custeio e comercialização das safras, implanta ou fornece os recursos para a infraestrutura básica. É ele também o responsável pela fixação dos custos dos insumos básicos, uma vez que lhe cabe manipular os instrumentos de política fiscal, de preços, de importações, de incentivos para uma enorme gama de produtos e bens indispensáveis à produção agrícola.

Isto não significa, contudo, que os Estados e a própria iniciativa privada estejam marginalizados no processo, ou não possam interferir na dinâmica do setor agropecuário.

Podem e devem, pois no passado isso ocorreu com grande frequência. O Paraná, inclusive, soube direcionar o melhor que pôde - dentro das limitações impostas pelo centralismo federal - os seus interesses.

Assim, basta rememorar alguns episódios mais ou menos recentes para se ter uma idéia do que foi possível realizar, para mais adiante analisarmos o que é possível fazer ainda mais.

O Governo Federal, estão lembrados, decidiu reduzir a produção de café no Estado do Paraná, então o maior produtor brasileiro, em meados da década de 60. O Plano de Erradicação Cafeeira, imposto pela União, acabou por gerar um processo de diversificação da produção no Norte do Paraná, de efeitos relativamente benéficos, isto porque o Estado, à época, exigiu em contrapartida à redução da população cafeeira, se realizasse um amplo programa que minimizasse os efeitos danosos, imediatos da erradicação.

A interferência federal provocou uma reação à nível de Estado, que sentiu a necessidade de reforçar e modernizar os seus órgãos ligados à administração agropecuária.

A criação do IAPAR, Instituto Agrônomo do Paraná, que cuida da pesquisa agropecuária, a ampliação da ação da EMATER, o reforço aos esquemas da CAFE DO PARANÁ e COPASA, a abertura de linhas de crédito a nível do Banco do Estado e dos Bancos de Desenvolvimento foram medidas, dentre as muitas, adotadas pela administração estadual.

Com a queda da importância do café - pelas restrições federais - se iniciou um novo ciclo na economia paranaense, calcado na produção do binômio trigo/soja. Novamente o Governo do

Estado teve uma participação estratégica no processo.

Ocorre que a soja depende da indústria da moagem e vice-versa. A produção agrícola e o processo industrial de moagem da soja são faces da mesma moeda.

O Governo Federal, nesta época, possuía uma lista negativa de ramos industriais financiáveis e um deles era o da indústria da soja. O Banco do Brasil e o Banco Nacional do Desenvolvimento Econômico só poderiam dispor de recursos para financiar o complexo soja se localizado no Rio Grande do Sul. Nos demais Estados, não.

Mas o Paraná necessitava de um produto que desempenhasse o papel anteriormente a cargo do café na dinâmica da sua economia, e o mais evidente de todos era a soja. Por sua conta e risco, contrariando a política federal, o Estado financiou o parque moageiro da soja e o resultado é este que assistimos: o Paraná é hoje o maior produtor de soja do Brasil.

Algo semelhante ocorreu com o algodão, o qual também depende da indústria para se consolidar numa determinada região. Durante muitos anos vigorou a chamada "lei do sucateamento", uma espécie de cartório industrial que obrigava as indústrias a sucatearem seus teares e filatórios, se quizessem importar máquinas destinadas à indústria têxtil. Durante muito anos o Pa-

Paraná esbarrou nesta dificuldade até que, através de financiamentos que o próprio Governo estadual bancou, ou foi buscar, as cooperativas do Estado puderam implantar indústrias de descaroçamento e, após, suas fiações, que estabilizaram a produção algodoeira no Paraná.

A política de preços administrados para o leite e seus derivados, é outro bom exemplo de como o Estado pode atuar, face as restrições impostas pela política econômica. O Governo Federal é quem fixa preços para os lácteos, considerando que são produtos socialmente sensíveis e, assim, é necessário beneficiar amplamente os consumidores, especialmente os de baixa renda.

A solução que o Paraná encontrou foi a de buscar uma redução de custos por unidade produzida, através de uma ampla melhoria do seu rebanho leiteiro. Para tanto, importou matrizes de alta linhagem e desenvolveu um amplo programa de melhoria genética. Hoje, o Paraná está à frente de todos os Estados, senão na produção de leite, ao menos na sua economicidade.

A grande produção de trigo do Brasil, que no ano passado praticamente atingiu a sua auto-suficiência, teve grande incentivo federal, especialmente através da CTRIN. Mas foi através da importação de sementes selecionadas do México pelo Estado, e

da sua adaptação às nossas condições, via pesquisa, que se obteve os níveis de produtividade iguais aos dos países desenvolvidos, como Canadá e Estados Unidos. Não é por acaso, portanto, que o Paraná se tornou o maior produtor de trigo do Brasil.

Daria para citar, ainda, vários exemplos, como o programa pioneiro de conservação dos solos - o PROICS - que introduziu o conceito das microbacias, com origem operacional no Projeto do Ribeirão dos Ratos, desenvolvido no Governo Canet, com auxílio da SUDESUL; nos programas de melhoria de sementes patrocinados na Secretaria da Agricultura com o apoio de crédito dos bancos oficiais; na moderna legislação estadual de terras; no pioneirismo da execução do I Simpósio Nacional de Ecologia, com repercussão internacional; no desenvolvimento do Programa de Atendimento ao Produtor de Baixa Renda, sucessivamente aperfeiçoado pelas administrações estaduais; finalmente, e apenas para ficarmos em alguns exemplos, na instalação de complexos armazenadores de grãos, nas cidades de Maringá, Assaí e Guarapuava.

O Paraná é, assim, um Estado que, apesar de sofrer os percalços das incompreensões federais, tem sabido remover as dificuldades e, não sem prejuízos, resolver razoavelmente os problemas com que se defronta.

Contudo, é preciso verificar que os problemas da agricul-

tura são bem mais amplos do que a listagem de alguns episódios como os que foram mencionados.

Em primeiro lugar é preciso reconhecer que a agricultura brasileira - e a paranaense em particular - tem sido geradora de recursos para a industrialização brasileira. O café gerou divisas e gerou renda para que fôsse possível importar máquinas e equipamentos da moderana indústria nacional.

Os cafeicultores, contudo, pouco ou nada receberam em troca. O Paraná, como Estado produtor, também.

A soja deu oportunidade ao aparecimento da indústria de óleos e de farelo e da exportação de um complexo que, este ano, representará, em termos nacionais, a geração de mais de 3 bilhões de dólares na nossa Balança Comercial.

Mas os produtores de soja pouco ganharam ou ganharão com isso, porque a política de contingenciamento provavelmente lhes tirará parte da renda que lhe seria devida, como já ocorreu em passado recente.

O mesmo em relação ao algodão e produtos alimentícios.

O produtor rural, juntamente com os trabalhadores, é quem paga o preço maior e mais amargo. O produtor rural pela inexorável queda nos preços relativos dos produtos agropecuários, e os trabalhadores, pelo arrocho salarial do qual vem sendo vítimas a tantos anos.

A classe rural, que muito tem lutado para corrigir estas distorções, tem agora uma excelente oportunidade a nível federal, dada pela nova Constituição da República.

Em seu artigo 187, a nova Constituição estabelece que "a política agrícola será planejada e executada na forma da lei, com a participação efetiva do setor da produção, envolvendo produtores e trabalhadores rurais bem como dos setores de comercialização, de armazenamento e de transporte".

E nas Disposições Transitórias, a Carta exige que a lei esteja aprovada até o dia 5 de outubro deste ano.

A Frente Ampla da Agropecuária Brasileira, um pacto entre diversas entidades representativas do setor, do qual a Federação da Agricultura do Estado do Paraná não só faz parte mas foi fundadora, já possui um ante projeto, que vem sendo objeto de debates e aperfeiçoamentos.

Trata-se de uma proposta de Lei Agrícola que disciplina de uma vez por todas as relações dos diversos agentes envolvidos na produção. De uma forma sumária: que limite a ação do Estado, evitando a sua intervenção, inadequada a um regime de livre iniciativa.

Não queremos mais ver o Governo, a seu nível tecnocrático, estabelecendo preços mínimos irrealistas, Valores Básicos de Custeio impraticáveis; autorizando, extemporaneamente, importa-

ções de produtos agrícolas que só tumultuam o mercado, práticas de caça aos bois gordos, de concessão de subsídios a setores que nada tem com a produção, e assim por diante.

O Governo tem que entrar no processo disciplinando o mercado, agindo como árbitro, amenizando as imperfeições do mercado, regulando os estoques e assim por diante, porém, sem tumultuar.

O ante projeto de Lei da Frente Ampla também contém uma novidade: é a criação de um Conselho Nacional de Política Agrícola, formado por membros do Governo, representantes dos produtores e dos trabalhadores rurais e segmentos ligados à agropecuária.

Segundo esta idéia introduzida no ante projeto, por iniciativa da FAEP, a política agrícola será formulada por esse Colegiado e por ele será submetida ao Congresso Nacional.

Trata-se de um grande avanço que poderá evitar que a Agricultura continue sendo tratada como um setor de pouca expressão.

É interessante notar, sob o ponto de vista da importância da agricultura no contexto econômico e social - como o Brasil tem agido equivocadamente todos esses anos.

Se verificarmos o que ocorre em outros países, pode-se ter uma idéia da sucessão dos erros cometidos.

O Brasil não protege sua agricultura; antes, a penaliza: fixa preços baixos, nega-lhe recursos, não respeita as regras do jogo.

Nos Estados Unidos o setor agrícola deve representar algo em torno de 3 a 4 por cento na geração do Produto Interno Bruto e envolver não mais do que 2,7% da população. No entanto, o setor é considerado estratégico e a produção é realmente subsidiada. O Governo compra ou financia os produtos por um preço compatível com a necessidade de ganho do produtor. O caso do trigo é exemplar. O produtor recebe algo em torno de 200 dólares por tonelada que produz e no entanto os Estados Unidos conseguem exportar por 100/120 dólares a tonelada. Caso se queira exportar produtos agrícolas para lá, os mesmos, sem concorrentes com produtos locais, serão taxados e terão seus preços equalizados com os preços-metas previstos, que não são os preços mínimos, mas superiores a estes.

Há, portanto, uma nítida proteção.

Igual proteção dá o Canadá e os países da Comunidade Econômica Européia ao seu agricultor. Lá a proteção é altíssima a tal ponto que mais da metade da renda do produtor advém de subsídios.

Em todos esses países os impostos que recaem sobre a produção são baixíssimos ou inexistentes, bem ao contrário do / Brasil, onde a tributação direta é tão alta que mereceu da parte do Ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega, em seu livro "Desafios da Política Agrícola", uma enfática condenação.

Algumas coisas estão sendo feitas, é verdade. Em termos de Estado já se obteve uma redução no nível de tributação pelo ICMS, quando a Assembléia Legislativa aprovou o projeto do Governo do Estado fixando em 12% a alíquota para os produtos agropecuários. Infelizmente o Governador, vetou a soja, o trigo e o café da lista dos produtos beneficiados, e, em razão disto, peço permissão para dirigir-me aos Senhores Deputados para que, quando do exercício normal da função legislativa, venham a apreciar e derrubar o referido veto, pois o mesmo é discricionário no conjunto da produção agropecuária.

Independente deste fator, posso afirmar que ainda é alta a tributação e poderá tornar-se ainda mais elevada caso se concretizem os planos do CONFAZ de cobrar alíquotas de 17% para insumos básicos.

Feitas essas considerações, entendemos que a Constituinte do Estado do Paraná, que está iniciando seus trabalhos, dentro desse contexto se torna um forum importantíssimo para fixar algumas regras básicas que norteem a agropecuária paranaense.

Apesar de desenvolvida para padrões brasileiros, a agricultura do Estado ainda sofre em insuficiência de infra-estrutura. Este fato encarece o preço final dos produtos para o consumidor nacional e os torna menos competitivo no mercado externo. Trata-se de readequar os "corredores de exportação", ampliando e modernizando a rede de armazenagem, melhorando o sistema viário, ampliando os portos e azeitando o sistema de comercialização.

Há necessidade de proteger o produtor rural. Individualmente, é a parte mais fraca quando vai vender sua safra. São centenas de milhares de ofertantes de um mesmo produto, de um lado; são uns poucos compradores, do outro. As cooperativas tem sido um mecanismo eficiente para reequilibrar este sistema, que precisa ser ampliado, e o pode, a nível do Estado.

Outro aspecto também importante diz respeito ao homem do campo e sua família. Há que se levar à ele todos os confortos urbanos traduzidos em investimentos nas áreas de educação, saúde e habitação, como complemento aos avanços conquistados nas áreas trabalhista e de seguridade social, de tal maneira que não se sinta ele um marginalizado e não desperte em seus filhos o desejo de trocar a vida rural pelas incertezas das cidades inchadas. O êxodo rural é inexorável, mas pode ter o seu ímpeto atenuado para evitar que o homem do campo - pequeno produtor ou

trabalhador - venha a inchar os bolsões de pobreza verificados nos centros urbanos.

São pontos que, a meu ver, podem e devem ser contemplados na Constituição Estadual, ao lado dos cuidados com o meio ambiente, hoje tão debatido. A ecologia pela ecologia é perigosa, é contra o homem. A natureza pode servir ao homem e, ao mesmo tempo, ser respeitada. Basta que as regras legais de convivência entre ela e o homem sejam bem estabelecidas. Neste particular o Paraná tem condições de dar lições ao País, sem adotar preceitos incoerentes.

Sobre este assunto, a FAEP estará dando sua contribuição, através de uma proposta a ser apresentada à Constituinte, onde buscará equacionar o equilíbrio entre a produção agrícola e os processos de preservação do meio ambiente.

Sintetizando, eu diria que é altamente desejável que a Constituição Estadual estabeleça alguns preceitos visando:

- . assegurar o progresso sócio-econômico dos produtores rurais, notadamente aos responsáveis pela pequena produção agrícola, com algumas prioridades nas áreas de crédito e comercialização e nos aspectos sociais de moradia, educação e saúde;

- . assegurar sistema de assistência técnica e extensão rural capaz de possibilitar ganhos nas tecnologias agrícolas, a fim de que o Estado não venha a perder a sua posição no setor;
- . assegurar tecnologias modernas para defesa do solo e manejo das florestas;
- . contemplar o incentivo ao cooperativismo, de forma a corrigir as imperfeições do mercado;
- . defender o meio ambiente de forma racional em que a natureza, o homem e as necessidades econômicas sejam excludentes entre si; mas formem um conjunto de relações harmônicas.

As decisões da Assembléia Estadual Constituinte podem valorizar, dentro dos limites que lhe são impostos, a atividade agrícola paranaense e o produtor rural. Para isso, ela deverá garantir que a execução da política agrícola estadual venha se dar mediante a elaboração de Planos Agrícolas, de médio prazo, onde as decisões sejam fruto da participação dos principais agentes interessados em seu progresso sócio-econômico: os agricultores e os trabalhadores rurais, o Governo do Estado e a classe política.

(termina de Ler) ...classe política." Obrigado.

O SR. PRESIDENTE - (Rafael Greca)

Dr. Paulo Carneiro Ribeiro quero agradecer a sua oportuna palestra. Eu posso assegurar que da parte da Comissão da Ordem Econômica e Social haverá a mais atenta disposição no sentido de acolher dos vários setores do campo, da produção agrícola do Estado as reivindicações necessárias para que constem da carta magna a ser elaborada. Vamos ouvir agora o Dr. Ricardo Resende - Presidente do Sindicato dos Produtores de Alcool e de açúcar do Estado do Paraná e vem acompanhado do Dr. Eliseu de Paula - Presidente da Associação dos Produtores de Alcool e Açúcar do Paraná. Ambos são convidados do Dep. Antônio Costenaro Neto.

O SR. RICARDO RESENTE - Dep. Rafael Greca - Presidente desta Co-

missão, demais Deputados, Sras: e Srs. Vou tentar ser breve, mas o nosso setor não podia deixar de estar presente a uma audiência dessas em função de que o setor açúcar-alcooleiro, de uma maneira ~~geral~~ geral no nosso país é bastante estigmatizado. Nós temos sofrido críticas contundentes de todos de todos os segmentos da sociedade, críticas estas que, muitas vezes, não traduzem a realidade do que ocorre no nosso meio. Desta forma eu gostaria de responder e colocar neste plenário a resposta do nosso setor a muitas destas ...

O SR. RICARDO REZENDE: ... colocar aqui, neste Plenário, a resposta do nosso setor a muitas destas críticas, com os dados estatísticos que vêm se coadunando de uma maneira muito harmoniosa com o que o Ministro Deni Schwartz disse, aqui, a respeito das urbanas, das antigas agrovilas da ditadura e também com o que o Prefeito de Curitiba falou e com que os nossos companheiros falaram.

E o Estado do Paraná, hoje, possui 30 destilarias de álcool e usinas de açúcar. São 13 cooperativas de pequenos produtores, pequenos e médios produtores, mais 14 destilarias de álcool autônomas e mais 4 usinas de açúcar antigas. Todas, menos estas 4 usinas de açúcar, todas elas são advindas de 1980 para cá. Portanto, o nosso setor é extremamente jovem. Dos 13 milhões de hectares de terras agricultáveis que o Paraná tem, nós temos hoje no Paraná 6 milhões e 200 mil hectares com a pastagem e 6 milhões e 800 mil hectares com culturas diversas. O milho, por exemplo, vem com 2 milhões e 200 mil hectares, o soja com 2 milhões e 120 mil hectares, e o café com 490 mil hectares e a nossa cana de açúcar com 165 mil hectares. Isto, vale dizer, que a cana de açúcar plantada no Estado do Paraná corresponde a 1,3 % da área agrícola do Estado. É um valor inexpressivo. Corresponde a 7,78 % da área plantada com soja, no Estado do Paraná. Muito bem, não obstante isso, o setor do nosso Estado responde por 10% do ICM industrial do Estado, responde por 3,6 % de todo o ICM recolhido no Estado do Paraná e responde por 50 mil empregos diretos. Quase a mesma quantidade de empregos que a nossa estatal Petrobrás tem nas suas diversas filiais e dentro de todo o seu conglomerado. O setor no nosso País, hoje, responde por 800 mil empregos diretos. E se computarmos no nosso Estado os empregos diretos e indiretos, nós chegamos à casa dos 300 mil empregos. No ano passado, nós movemos 10 milhões, 273 mil toneladas de cada, sendo que 2 milhões 457 mil toneladas foram para o açúcar e 7 milhões e 800 mil foram para carburantes.

Muito bem. Aqui eu tenho outro dado que poucos sabem. O Paraná consome, para sua própria população, 12 milhões de sacas de açúcar por ano. E produz apenas 4 milhões. Isto, vale dizer que um alimento básico, que muitas vezes, muitos ideologistas esquecem que açúcar é alimento básico, um alimento básico nós produzimos apenas um terço do que o Paraná consome. E importamos de outros Estados 8 milhões e 300 mil ou 8 milhões e 500 mil sacas de açúcar. Junto com esta importação de açúcar, nós importamos também em torno de 15 mil empregos diretos e o Estado deixa de recolher, porque a cana, ao contrário dos produtos de exportação, paga ICM. E paga bem. No ano passado, por exemplo, as 10 milhões e 800 mil toneladas de cana, a dinheiro e custo de hoje, receberam 1,73 cruzados por tonelada de ICM, o que vale dizer, que em termos

07.03.89/NOTB

18:10
19:10 - 2

de ICM da cana moída para álcool, 17 milhões 784 milhões e 400 cruzados novos, mais 2 bilhões e 900 mil cruzados do ICM do açúcar, é bem, em números redondos, 20 milhões de cruzados, aliás, 20 milhões 688 mil e 400 cruzados de ICM, 1 bilhão, 549 mil de Finsocial e 1 milhão 112 mil cruzados de PIS. Se nós produzíssemos o açúcar que o paranaense consome nas nossas usinas e aqui vale fazer um parêntesis, o Governador Álvaro Dias ...

O SR. RICARDO REZENDE - ... o paranaense consome nas nossas usinas e aqui vale lembrar, vale fazer um parêntese, o Governador Álvaro Dias foi o único estadista ' que passou pelo Paraná até hoje e que nos escutou, nestes últimos 30 anos e nos deu ouvidos a dizer que o Paraná estava importando açúcar e conseguiu uma certa ampliação nas nossas cotas que não vão tornar o Paraná ainda autosuficiente, mas que vão propiciar a instalação de mais oito usinas de açúcar anexas às destilarias já existentes que vão melhorar um pouco este quadro de importação de açúcar que temos hoje.

Esse quadro, essa importação faz com que o Estado deixe de recolher aos Cofres Públicos 12 milhões e 200 mil cruzados de ICM, 1 milhão de cruzados de FINSOCIAL e 750 milhões, digo, mil cruzados de PIS.

Com relação ao álcool, também não produzimos todo o álcool que o Paraná consome. A nossa produção no ano passado foi em torno de 650 milhões de litros e o consumo do Estado está fixado em torno de 900 milhões de litros, de forma que também estamos importando álcool para os nossos veículos. É mais evasão de empregos para outros Estados, é menos imposto e menos trabalho gerado dentro do nosso Estado.

Apedar disso tudo o mais importante não é isso. O setor "sucoalcooleiro" no ano passado historicamente e não só no ano passado gerou 7,1 empregos para cada hectare de terra cultivada. Enquanto a soja gera 0,02. Isto é, um hectare de cana emprega 355 vezes mais, uma proporção de 355 por um. Pela Lei 4.870 que rege o setor "sucoalcooleiro", todas as usinas e destilarias do Paraná são obrigadas a aplicar 1% de saturamento bruto em assistência social, do álcool produzido e da cana produzida. 1% Do Álcool mais 2% ... reformulando: 1% da cana de açúcar produzida, 2% de todo o álcool produzido e 1% de todo o açúcar produzido. Este dinheiro é fiscalizado através de programas de assistência social pelo Governo Federal e são aplicados diretamente em alimentação e moradia, tratamento médico, tratamento odontológico.

Ano passado tivemos saques em várias cidades do Paraná por falta de trabalho. Onde estavam as nossas agroindústrias instaladas? No interior do Estado, porque uma cidade como Engenheiro Beltrão, Sr. Presidente, que é a minha cidade e como tantas outras é uma agrovila, uma cidade pequena. Então o fornecimento de 1200 empregos diretos, principalmente na lavoura, na entre-safra, não haviam empregos de

forma nenhuma é um fator de equilíbrio social que todos os antecessores meus, que aqui vieram, propusera, e isto nós fazemos, e volto a lembrar, com 165 mil hectares de terras.

Enquanto um barril de álcool e isso em termos de País, gera 4,78 empregos, um barril de petróleo gera 0,045.

Nos últimos 15 anos a dívida externa do Brasil cresceu 77 bilhões de dólares, destes 70 em importação de petróleo, são dados da CACEX.

De 1981 para cá a nossa dívida cresceu em 53,1 milhões de dólares sendo que destes 48 foram importação de petróleo. O País está comendo os dólares que nós produzimos aqui - dólar bom, porque não são dólares subsidiados - o dólar da soja paranaense, o dólar da agricultura nossa aqui, e o País está comendo esses dólares.

O nosso País tem 850 milhões de hectares de terras, desses 450 são agricultáveis.

O SR. RICARDO RESENDE ... desses 450 milhões são agricultáveis, muito bem, vamos dar um desconto de 200 milhões de hectares que não sejam agricultáveis, ficando apenas 250 milhões de hectares, desses 250 milhões de hectares nós plantamos na safra passada 50 milhões de hectares.

Nós temos 200 milhões de hectares de terra ociosos, se nós plantássemos 3% desta área, desses 200 milhões de hectare de terra que não fazem estão produzindo, isto é, 6 milhões de hectares, nós suprimos no nosso País de energéticos, combustíveis, líquidos, ou seja, o álcool sem dose nenhuma de insegurança, sem mega planos, como a Pëanos, como a Petrobrás está desenvolvendo, para ficar 43 milhões de dólares no País, todo mundo sabe (na publicação) do Congresso Americano e todos eles sabem que não tem petróleo aqui, nós sabemos, nosso tipo de solo infelizmente Deus não foi bom conosco, as nossas reservas são no máximo de 8 bilhões de barris de petróleo, nós temos reservas confirmadas de apenas 2,78 bilhões de barris de petróleo.

De forma que o Petróleo está realmente, é uma questão de tempo, as grandes reservas petrolíferas são os mega postos que estão no Oriente médio, até certo ponto os levantamentos sísmicos computadorizados existem, que consistem ... como fizeram até aí PS 4 ou 5 e com raio laser, hoje delimita-se com a segurança quase que absoluta dos postos de petróleo.

De forma, que não sou eu que um humilde Presidente do Sindicato do Interior que falo, eu estou fazendo das minhas palavras ^{dos geólogos} lavras palavra (...) das Multinacionais) de geólogos das 7 irmãs, entendidos em energia mundial.

De forma que, o Paraná, ele cresceu e está desenvolvendo seu setor agrícola e industrial, baseado em cima de premissas sólidas, e o álcool aqui, é uma premissa sólida. Nós não temos um tostão de subsídio, é bom que fique claro e eu vim aqui para frisar, eu vim aqui para dizer aos Srs. que nós vamos vender um litro de álcool por 25 centavos, e ^{a Petrobrás} para ~~provar~~ vende na bomba a 32 centavos, e

o SR. RICARDO RESENDE : 22% da gasolina, nós vendemos como álcool o álcool amido, que é misturado a gasolina, nós vendemos a 26 centavos, e esse álcool é vendido na bomba a 43 centavos.

Nunca houve subsídio para o álcool, no Paraná nunca chegou esse subsídio, o que houve foram créditos subsidiados para as primeiras usinas que foram instaladas, que era um negócio novo, era uma energia nova que foi criada, que foi criada aqui, que está sendo copiada nos Estados Unidos, através do álcool de milho, que está sendo copiada na Argentina, está sendo copiada na Checo&lováquia está sendo copiada no México, essa é a nossa realidade, complementando apenas os dados com Assistência Social, no ano passado, a cana de açúcar e através dos programas de Assistência Social ele, no setor recolheu 769, 1972 cruzados, da parte da cana de açúcar, 2 bilhões 900 mil cruzados da parte do álcool e mais 319 mil, cruzados, da parte do açúcar, totalizando quase que 4 milhões de cruzados novos, em Assistência Social, assistência direta.

O programa do álcool é muito polêmico, e tenho certeza que se isso fosse um debate eu seria bombardeado por unúmeras perguntas.

Para mim, a essa altura do campeonato, (engraçado) eu gostaria de responder a todos, mas como, isso é um painel, eu gostaria de deixar fixado a nossa posição, e fixado na cabeça do brasileiro, que um setor de destilaria de usinas em 1981, nós vendíamos o litro de álcool por 60 centavos, hoje nós estamos vendendo por 22 centavos, ~~hoje nós~~ nós sofremos um achatamento violento, isso tudo que eu estou falando para os Srs., é só pegar o Jornal e ver quanto estava na bomba em 1981, o litro de álcool e dividir pelo Dolar, e ver hoje, qualquer um pode fazer essa conta, está certo ? ...

O SR. **RICARDO RESENDE** ... Está certo? Mesmo assim, o Pró-Álcool através dos ganhos de produtividade excepcionais que teve nesse período, o Pró-Álcool sobreviveu. É evidente que a Petrobrás tem 400 milhões de dólares de verbas para propaganda e nós somos agricultores de cana e não temos verba para propaganda. O que está fazendo o Pró-Álcool sobreviver é a verdade, a crença do brasileiro de que o álcool tem que ser mais barato que o petróleo, tanto é que mesmo depois dessa ignomínia que fizeram, aumentando a paridade para 75%, porque isso foi um assalto ao bolso do consumidor, as vendas de carros a álcool continuam. Quer dizer, o álcool é 25% menos calórico do que a gasolina e jamais poderia custar 75%. 25% apenas da relação da gasolina e nós não pusemos a mão nesse dinheiro. Essa diferença é imposta.

Agora, como é que a gente pode comparar coisas heterogêneas, como é que nós podemos comparar um produto subsidiado como o álcool que tem ICM, que tem Furfural e que tem encargos sociais, que tem programa de assistência social e que tem matéria prima, porque a matéria prima é petróleo e essa matéria prima é matéria prima nacional da Petrobrás que nós não sabemos o custo dela. Eu gostaria de perguntar qual dos senhores conhece o Centro de Pesquisas onde ficam os cientistas da Petrobrás. Se se verificar as dificuldades que vivem os trabalhadores e as dificuldades em que está o nosso Estado, nós iríamos achar o prejuízo. Nós não sabemos quanto custa o petróleo nacional. Ninguém tem idéia.

Se forem na Ilha do Governador, lá vocês verão 40 piscinas, um Haiti com ar refrigerado, às custas de uma capitalização que é feita desde a época de Getúlio Vargas..

Isso é bom que fique frisado, porque à medida em que o tempo passa, com 400 milhões de dólares de publicidade e sem nenhuma auditoria nas contas internas para ver quanto é que está havendo de gastos nas importações de petróleo. Vocês devem imaginar que 600 mil barris importados por dia, numa sugestão do antigo Ministro Delfin Neto, a 4 dolar por barril, de comissão--sejam

seriam 600 mil dólares por dia. Nunca um parlamentar brasileiro pediu uma CPI nas contas da PetroBrás, enquanto o Prá-álcool foi revirado de baixo para cima.

Agora, não adianta a gente ficar deitando contra 400 milhões de dólares. Nós não temos a imprensa do nosso lado, nós não podemos esquecer que uma mentira 1000 vezes repetida, ela torna-se uma verdade e é isso o que está acontecendo. Eu não podia deixar de colocar. A verdade eu faço questão que seja questionada e faço questão de responder a todas as questões pertinentes ao álcool como essas mentiras todas umas às outras pregadas de maneira compassada. É só vocês pegarem: um dia na "Gazeta Mercantil", em outro dia no "Estado de São Paulo". E esse problema da PetroBrás distribuidora é apenas a ponta de um "iceberg", uma pequena ponta do "iceberg". A coisa é muito maior, basta os senhores fazerem a conta de 77 milhões de dólares ...

RICARDO REZENDE -... basta os senhores fazerem a conta dos 77 bilhões de dólares que nós gastamos importando petróleo nos últimos 15 anos. O depósito compulsório foi outra coisa porque sobre a produção de álcool o depósito compulsório incidiu em 100% da produção de álcool, porque nós produzimos 200 mil barris por dia que eram taxados a 28%.

Sobre a produção de petróleo não. Sobre a produção de petróleo é um milhão e duzentos mil barris por dia e o depósito compulsório incidiu apenas sobre 120 mil barris por dia. Incidiu sobre 10%. Então a tributação sobre o álcool foi 28% e a tributação sobre o petróleo de uma maneira geral foi de 2,8%.

Óleo diesel não foi tributado. Gás de cozinha não foi tributado. Alguém da plateia vai dizer: Poxa, mas você vai querer tributar gás de cozinha de favelado que não pode pagar o botijão. E alguém aqui da plateia sabe das estatísticas do Conselho Nacional de Petróleo para ver quem são os grandes consumidores de gás? Os hóspedes do Clube Mediterrâneo não tem que pagar de depósito compulsório para tomar banho em água quente com gás? As fábricas de azulejo e cerâmicas, de produtos superfúscos que usam gás não têm que pagar compulsório?

E mais, a gasolina hoje está sobrando, eu queria dizer isso aos senhores também. Para encerrar, não é por causa do álcool não. É porque, Dr. Paulo Carneiro, o senhor sabe muito bem disso, quando eu era moleque, o senhor já produzia café, o senhor tirava café de fazenda do senhor era de R\$600 movida a gasolina. Todas as frotas do Brasil eram movidas a gasolina. Se hoje nós formos nos Estados Unidos, um litro de óleo diesel lá é 10% mais caro que o litro de gasolina. Na Europa um litro de óleo diesel custa 80% do valor do litro de gasolina. E aqui no Brasil um litro de óleo diesel custa 45% do valor do litro de gasolina.

Então, o que que aconteceu, houve uma dialização em nome da nossa frota de diesel, todo mundo converteu os veículos para diesel e não é possível se fazer isso no perfil do re-

fino de petróleo. Então, quando você refina um barril de petróleo o senhor pode tirar no máximo 30% de óleo diesel, não mais do que isso. Acontece que nós estamos tratando 50% o nosso petróleo com óleo diesel. Então, o que acontece?

A Petrobrás tem que importar mais petróleo para refinar mais para suprir a demanda de óleo diesel que existe. Então, não é só óleo diesel. Então, falta óleo diesel e sobra os outros produtos todos. Não é só gasolina que está sobrando não. Isso é mentira. A gasolina está sendo exportada porque é importada pelos Estados Unidos e tem mercado. E os Estados Unidos preferem comprar gasolina já pronta aqui com essa mão-de-obra miserável que nós temos aqui do Brasil do que ir buscar petróleo na Arábia Saudita e ter que passar pelo Kadaf e pelos mísseis dele lá.

Então, nosso mercado lá de gasolina é garantido. Não existe isso aí.

Agora, quantas cooperativas aqui foram forçadas a largar o óleo combustível e colocar fomalhas à lenha porque a Petrobrás disse que não ia fornecer mais. E agora, olhem o preço do óleo combustível e os senhores vão ver que está todo mundo reconvertendo as fomalhas todas a óleo diesel, por que? Porque está sobrando óleo diesel, da mesma maneira que está sobrando gasolina, porque tem o excesso do consumo de diesel, só isso. E para isso senhores têm uma solução, nós já apresentamos a solução.

É perfeitamente possível, nós mandamos fazer na Fundação Cristiano Ottoni em Minas Gerais misturas diversas de ~~importados~~ perfeitamente possível adicionar 10% de gasolina ao diesel, é perfeitamente possível aos poucos ir se aumentando o óleo diesel do que a gasolina e outros produtos para fazer um equilíbrio, porque senão a coisa vai chegar num ponto que vai ficar caótica, além de uma série de outras medidas que não vale aqui a gente ficar debatendo.

Então, a realidade é essa. E eu agradeço muito a oportunidade dos Deputados terem me ouvido.

Muito obrigado.

ANTONIO COSTENARO - Eu gostaria de justificar o porque nós fizemos questão de convidar para estarem aqui presentes o Dr. Ricardo e o Dr. Eliseu , porque dentro desse bloco da economia rural.....

07/03/89

mlm

18,35 hrs.

-1

O SR. ANTONIO COSTENARO:--... nós fizemos questão de de convidar o Dr. Ricardo e o Dr. Eliseu para estar aqui presentes, porque dentro desse bloco da economia rural, principalmente, falou o Dr. Thiesen, o Dr. Paulo Carneiro, com muito/brilhantismo, e o Dr. Ricardo vem trazer a elucidação, embora com o tempo pequeno é impossível fazer uma explanação mais ampla,mas/ eu gostaria, e é bastante importante para a Economia do Paraná.

Eu gostaria de dizer que quando o Dr. Deni Schwrtz falou aqui que São Paulo se vangloria de ser um grande / produtor de soja e tal e tal, nós ~~na~~ podemos dizer que o mercado suco-alcooleiro brasileiro se encontra quase que totalmente no Estado de São Paulo, o Estado de São Paulo produz 75% do açúcar e do álcool consumido no Brasil, o Estado de Pernambuco produz, mais ou menos, em números redondos 12%, é o segundo lugar em produção na cional, o Estado do Paraná produz 7%. Agora vê o que nós significa mos, perto do Estado de São Paulo. Agora, nós vemos, pelas ruas,/ nos Encontros, nos momentos e até nos debates políticos, às vezes aqueles que, não se se por ideologia ou por má informação criticam veementemente a produção de álcool, ou então a expansão de álcool e açúcar no Paraná .

O que nós queremos é que diante das afirma ções pessimistas, naturalmente, do Dr. Deni, de que nós podemos / perder a produção da soja, ~~na~~ é importante que o Paraná esteja com a sua diversificação agrícola.É claro ele só tinha o café, passou a ter a soja, agora tem a cana também. A cana de açúcar é a grande opção pelo fato de termos consumo interno aqui no Paraná, temos déficit de produção.

Eu gostaria até de me prolongar mais, e / vêr o Dr. Eleiseu ~~XXX~~ fazer a sua explanação.

O SR. PRESIDENTE:-(Rafael Greca):-- O Dr. Eliseu só quer fazer uma complementação rapidíssima.

O SR. ELISEU | = Sr. Presidente, demais Deputados, Sras. e Srs.: -

Estou colocando que tudo isso que o Ricardo expos realmente é o anseio, é a veemência do setor, é uma realidade, por que podemos dizer que o Pro-Álcool criou várias oportunidades / quando nasceu e criou vários e novos empresários, e por que não é dizer no Paraná também. Se você andar no interior vê quantas Usinas, são 32 novos empresários que se criaram no Paraná, lideranças que apareceram e estão aí, na luta. Então ~~XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX~~ o Ricardo é um empresário novo, nós somos, criamos através de cooperativas, isso tudo são riquezas que a gente agrega dentro dos 7 segmentos da sociedade, são novos empresários. Para dizer também/ que o setor suco-alcooleiro tem tantas opções, e o Pro-Álcool é irreversível, um assunto de segurança nacional, e para dizer que ele tem hoje uma gama dentro da Usina e possibilidades extraordinárias de crescimento, por exemplo, o aproveitamento do bagaço em / carne, as leveduras, e estamos tendo hoje, resultados fantásticos. As nossas empresas já tem muitas, com crescimento enorme, tentando fazer até do álcool um sub-produto. A carne, hoje é um fato real já. A cana se transforma em alimento, rações, o próprio vinhoto que era altamente poluente, um problema grave, hoje se tornou uma riqueza dentro da agricultura, hoje nós aproveitamos toda a gota/ que sai da vinhaça como fertilização, são riquezas extraordinárias.

Nós geramos a nossa própria energia, que se não compramos energia, tem usinas que têm sobras de energia e/ estão fazendo convênios com a Copel. Então a riqueza que traz / dentro do Pro-Álcool é enorme e não podemos deixar que pereça, tanto é que existem outras fontes, outros interesses dentro da Nação e o Ricardo fez algumas menções, mas existem inimigos, dentro do programa e é preciso que os Deputados lutem conosco e vejam, porque são fatos que a gente enxerga, não é palavra ou balela, alguém vem falar com mais veemência ou não, não, ~~são~~ são fatos e se os / rs. querem vêr fatos virão a hora que quiserem, dentro das usinas e a realidade do nosso trabalhador. O resultado que tem o trabalha-

07/03/89

mlm

15,35 hrs.

-3

dor rural, que está tendo hoje resultados superiores a té aos da /
cidade.

Então se formos falar, realmente teremos muita/
coisa para colocar, o setor do Pro-Alcool precisa do apoio da clas
se política...

7
08/03/89

ORGANIZAÇÃO DO ESTADO E MUNICIPAL

ACS

18400 - 1 -

O SR. ~~RICARDO MACEDO~~ ^{ELISEU} precisa do apoio da classe Política e queremos viver juntos com a classe Política, mostrando a confiança que nós temos, que é o nosso Estado. Muito Obrigado.

O SR. RAFAEL GRECA (PRESIDENTE) - Eu agradeço a oportuna / participação e lembro que até o dia 20 de março os senhores podem apresentar propostas concretas para a Constituinte, pelo sindicato como proposta / popular ou então através do Deputado que elegeram para cá. Eu peço que o Doutor Carlos Artur Passos, Presidente do eleito / do Conselho Federal de Economia, até ontem Presidente do Ipar des, paranaense que vem de ser eleito para representar os e- / conomistas à nível Nacional, tome assentamento.

O SR. ~~CARLOS ARTUR PASSOS~~ Bem, o Doutor Carlos Ar- tur Passos, ex-presidente do Ipar des, Presidente do Conselho Federal de Economia, dentro da visão de futuro do Paraná, vem dar a visão do Ipar des e a sua visão pessoal como contribuição para a Constituinte estadual. Maior projeto do Paraná é a Con tituinte estadual, deve espelhar Doutor Carlos Artur.

O SR. Carlos Artur Passos - Bem, senhores Deputados, minhas / senhoras e meus senhores, primeir amente eu agradeço ao Deputado Rafael Greca de Macedo a oportu nidade de estar aqui conversando com todos a respeito dos / destinos do Paraná e a elaboração da nossa Constituinte, que certamente norteará em parte ponderável a capacidade do povo paranaense de definir o rumo de sua história e de seu progres se futuro, tentando ultrapassar as condições negativas, que / nós claramente reconhecemos existir ainda em nossa sociedade.

Eu vou procurar ser mais breve / possível e aproveitar evidentemente, nas brilhantes colocações já feitas pelos oradores que me antecederam e talvez ressalta

O SR. CARLOS ARTUR PASSOS... talvez ressaltaram um ponto fundamental, que está imbutido nessa indagação que o Deputado Rafael Greca já fez anteriormente, que tipo de visão nós temos para ~~com~~ o Paraná.

Bom, eu procureria então trazer a noção de que o Paraná é obviamente o Brasil, ao qual o Paraná está integrado em termos de mercado ou em termos de sociedade humana, o Brasil dizia eu, está profundamente ligada à / dinâmica das sociedades capitalistas ocidentais; e é nessa / perspectiva de que muitos das consonantes históricas que nós temos a enfrentar, os desafios que os brasileiros têm a enfrentar, ganham uma relação não apenas de condicionalidade, ao / qual nós brasileiros possamos escolher livremente, senão que algumas delas ganham uma raiz, uma composição e uma força que as caracterizam como uma imposição histórica. Claramente, nesta imposição histórica, eu diria que os padrões de produção, quer dizer, os padrões técnicos, os padrões financeiros, escalas produtivas e determinados atributos dos produtos a serem produzidos e das formas a serem produzidas, nós praticamente não temos escolha histórica, não basta dizermos que somos um País soberano e com isso retirar desta consideração o fato de que nós poderíamos eventualmente definir a nosso bem prazer ...

07/03/89

ME

-1-

18:45

O SR. CARLOS PASSOS-...a nosso bel prazer , a forma como estruturar a base produtiva deste País. Ora, isto posto, se reconhecendo este grau de interdependência muito pesada, o desafio / fundamental que vai se colocar o Brasil neste fim de século e na preparação do milênio subsequente , é o grau de competitividade , o grau de capacidade que teriam os brasileiros , de estruturar uma base produtiva, que seja competitiva a nível internacional. E, para com esta base, nós conseguirmos, 1º resolver evidentemente os problemas que angustiam o interior do nosso País, e da nessa população , bem como nos habilitar aos países mais avançados da Terra, numa relação não de subserviência , numa relação ativa de um povo capaz , de definir o seu destino.

Bom, a esta consideração inicial , de que, nós temos como desafio , a necessidade de completar um sistema de produção baseado dinamicamente numa sociedade ordenada capitalisticamente onde o setor dinâmico fundamental , é a indústria. Mas, a indústria / aqui entendido já, integrada a todos os demais setores da produção, como agricultura, transporte , sistema financeiro , e tudo o mais.

Quer dizer, o núcleo deste sistema produtivo brasileiro , hoje, já era, e portanto, é a indústria, e portanto, o Brasil já é hoje um País industrial, dizia eu, está submetido a um desafio que nós temos um horizonte de tempo para atender a este desafio, para fazer frente a ele, superar os obstáculos que se nos dão , ou / talvez, nos atrasarmos irremediavelmente, por mais 50 ou 100 anos a seguir.

E que desafio é este, e de que ordem, de dificuldade nos impõem. Ora, sabem os Srs. que depois de um ciclo expansivo , brilhante que o sistema capitalista mundial teve desde o pós guerra, / desde os anos de 1948, e que se completou até o ano de 1974, num / dos mais brilhantes, pujantes , intensos e longos períodos de expansão , quer dizer, um ciclo expansivo da economia capitalista mundial

realmente quase que sem precedentes, o seu precedente histórico teria sido a "la belle époque", entre 1895 e 1919. Mas, dizia eu, este longo ciclo expansivo foi cortado, interrompido por um período de descenso e de recessão grave, onde a taxa média de crescimento do produto e do investimento agregado dos países industrializados, caiu brutalmente. De 1974 para cá, o sistema mundial capitalista tem tido taxas de crescimento do produto e taxas do crescimento do investimento bastante reduzidas.

Acresce, de que é exatamente nos períodos de recessão, portanto, nos períodos de redução da atividade econômica, do ciclo / econômico capitalista, que se criam as condições tanto técnicas quanto financeiras de reordenação da base produtiva, que vão criar as futuras condições de um novo ciclo expansivo. Isto é uma acertiva baseada em teoria econômica praticamente de todas as correntes de pensamento.

O que se verifica na presente atualidade internacional, é de que os países capitalistas industrializados mais avançados estão / estão sofrendo, e sofrendo no bom sentido, um conjunto de transformações que seguramente vão mudar o panorama da base produtiva do sistema capitalista a nível mundial num período muito recente; ou seja, semelhante ao que já ocorreu na Segunda Revolução Industrial, no fim do século passado, e por coincidência entre 1875 e 1895, período conhecido como a Grande Depressão, detonaram-se um conjunto de inovações, e essas inovações se difundiram num processo produtivo daquela época tais como um produto ...

O SR.

- ...no fim do século passado e por coincidência em 1.875 e 1895, período conhecido como a grande depressão, ~~estes~~ detonaram-se um conjunto de inovações e essas inovações se difundiram no processo produtivo daquela época, tais quais como o uso difundido de cimento, a instalação de altos fornos na siderurgia, o uso da energia elétrica, a pesquisa e uso do petróleo como combustível e a partir dele também a química orgânica, foi também desenvolvida a química inorgânica e largo espectro basicamente em soda cáustica barrilha e com isso os corantes, anilinas e uma enorme transformação de ácidos de largo espectro em uso praticamente em todo tipo de indústria até então do gênero. Eu poderia me alongar ainda em vasta gama de inovações de processos que se difundiram para o tecido industrial, mas de forma que já então neste último quartel do século passado, e que nós vimos foram dois fenômenos a criação de novos setores industriais baseados nestes novos produtos e estas inovações provocando uma mudança radical substancial no processo técnico, no processo ~~em~~ produtivo e portanto no processo de trabalho do conjunto do sistema industrial vigente naquela época. Esta pequena exemplificação destes fenômenos que ocorreu na grande depressão do século passado, nos últimos 25 anos do século passado, eu trago a baila apenas para tentar esquematizar um fato de que este fenômeno em termos assemelhados está presentemente ocorrendo na vida da humanidade neste último quartel do século que estamos vivendo, qual seja um conjunto de inovações definidas por uma categoria sintética que se desdobra por milhares de outras aplicações concretas, qual seja a informática a duotecnologia, a produção de novos materiais, a química fina, a mecânica de precisão criando 5 grandes áreas de inovações técnicas e de processos produtivos diferenciados, estão sendo objeto de pesquisas aprofundadas e estão resultando desde já, mas seguramente tem um horizonte de resultados ainda praticamente no início de sua exploração que vão significar além da possibilidade de surgirem novos setores industriais, novos produtos e novos processos de produção ligados ~~à~~ a essas 5 grandes áreas de inovações, o fato que essas 5 grandes áreas de inovação vão também significar uma mudança profunda, radical nas condições técnicas, financeiras de produção da base produtiva pré existente até agora.

Portanto, nós vamos ter uma modificaçã

paralelo

modificação substancial em todo aparelho produtivo dos países industrializados que eu já citei anteriormente. Ora, o Brasil vem de constituir ao longo desses últimos 50 anos desde 1.930, dentro de um processo de industrialização um tecido industrial relativamente denso que se completa, que se coroa na década de 70 com a instalação de um setor produtor de bens de capital, tanto por encomenda como seriados, relativamente amplos para a produção interna dos bens de capital a expansão dos seus ..

O SR. CARLOS PASSOS - ... expansão dos inúmeros setores industriais, agrícolas e de transportes e tudo mais. Continuando, dizia eu: ora, se o Brasil não for capaz de endogenizar, quer dizer, trazer para dentro do seu território este novo perfil tecnológico que está se configurando nos países industrializados mais avançados, até o momento em que esses países reiniciem, retome um ciclo novo de expansão industrial, se o Brasil não tiver trazido para dentro do seu território esse ~~pa~~ novo padrão tecnológico, pelo menos numa parte substancial e difundido nas unidades produtivas que compõem a sua base produtiva, notadamente industrial e agrícola e de serviços de largo espectro de consumo, como energia elétrica, transportes e tudo mais. Se nós não conseguirmos endogenizar esse novo padrão tecnológico, efetivamente a nossa Economia brasileira tende ou pode... não há razão nenhuma para que não ocorra um atraso relativo muito em nossa História.

Por isso dizia eu, nós estamos com um desafio datado, uma data que eu não sei qual seja, de uma retomada do ~~stark~~ ciclo expansivo capitalista mundial. E enquanto esses países continuarem tendo taxas relativamente até boas para soluções de países industrializados, mas abaixo da média histórica, de 2%, ~~kbx~~ 1,5% a 2,5% que é o que tem sido verificado desde o ano de 1974, e enquanto não vier a retomada, o Brasil tem algum tempo para tentar endogenizar em larga escala e difundir esse novo padrão tecnológica.

Assim é que se o nosso sistema produtiva está ordenado numa base industrial que está centrada na Cidade de São Paulo, no Estado de São Paulo em larga escala, em grande preponderância, é de fazer notar que o Paraná é uma das regiões do Brasil que mais se aproxima desta área dinâmica, central da Economia brasileira e tem condições muito claras de infraestrutura e de base produtiva daquela já instalada e uma potencialidade de instalação de novos setores industriais, inclusive pela descontração do núcleo industrial paulista, muito grande, vis-a-vis outros Estados.

Então, eu diria que, somado a esse desafio, que é a verdade uma imposição internacional de os brasileiros terem a competência de criarem uma base produtiva que seja competitiva a nível internacional, o Paraná não há razão nenhuma para que não siga dentro desse ligamento, tentando desde logo introduzir no seu tecido industrial, no seu tecido produtivo agrícola, no seu sistema de transporte, enfim, na sua base produtiva, desde logo esse perfil mais avançado tecnologicamente e também procurando atrair para cá, criar aqui e desenvolver com capitais internos e externos em "joint ventures", ou cada um por conta própria, dependendo da sua capacidade expansiva esses novos setores que desenvolvem os produtos baseados nessas novas técnicas.

Ora, eu diria que é certo, que não estaria e não reside somente neste ~~em~~ aspecto das dificuldades que o povo paranaense tem em sua trajetória histórica, mas eu enfatizei este aspecto porque claramente ele me parece nuclear para o entendimento do que pode ser qualitativamente a diferença essencial entre um povo que tem indústria porém atrasado relativamente a outros países e um povo que tem uma indústria que seja competitiva e, portanto, ombreando-se com as outras nações, definir livremente o seu futuro.

Ora, neste sentido, claramente, eu acho que esse ~~em~~ núcleo de novos padrões tecnológicos tem que ser uma preocupação difundida de todos os paranaenses, e sem dúvida alguma eu gostaria de ver entre as inúmeras proposições que já estão sendo trazidas aos nossos Deputados na sua faina de elaborar a nova Constituinte...

O SR. CARLOS ARTHUR PASSOS - ... a nova constituinte, talvez uma proposição única nesse momento de que atentassem para a necessidade de dispor de um dispositivo constitucional segundo o qual eu formularia algo que já tenho ouvido e também de outros pensadores da sociedade paranaense, uma quantia de 2% do total das receitas tributárias do Estado voltadas especificamente às tarefas de estímulo e expansão da pesquisa científica e pesquisa tecnológica como uma necessidade fundamental para que nós venhamos a conseguir, avançar nessas atividades que são, constituem um embrião, por enquanto ainda no Brasil e no Paraná este novo padrão tecnológico que seguramente ^{se} nos vai impor e com isto garantir que a sociedade paranaense pode criar essas condições no seu interior e alçar o Estado do Paraná a ser um daqueles que participa concretamente na vanguarda da formulação dos destinos do nosso povo.

Se entretanto a visão histórica que eu acabei de fornecer a vocês de nossas necessidades, ainda não é suficiente para fazer com que vários outros paranaenses sintam essa necessidade. Eu diria que a ameaça concreta ^{que} em os avanços técnicos que se dão nos países desenvolvidos, podem provocar na base produtiva já instalada, é outro detonante dessa necessidade de investirmos na área de ciência e tecnologia como reforço da nossa base produtiva, industrial e agrícola. Nós temos conhecimento, eu outro dia lendo um relatório, de que existem laboratórios americanos fazendo pesquisa na área de biotecnologia em duas linhas de atuação, uma é produzindo, tentando produzir uma bactéria que aspergida em cima das folhas de soja e de outros componentes agrícolas, permitiriam que com essa bactéria aspergida em cima das folhas, a soja fosse plantada em áreas agrícolas com uma temperatura de 8 a 10 graus mais baixo do que hoje ela suporta. Então como que nós estaríamos desenvolvendo através da biotecnologia um manto protetor sobre a soja e, com essa possibilidade, os americanos e até algumas...

áreas do Canadá produzirem soja onde hoje eles não produzem. E portanto ameaçando evidentemente ~~uma~~ ^{pela} concorrência a posição que nós temos no mercado mundial e mesmo no mercado nacional.

A outra vertente, ainda nessa pesquisa de biotecnologia para esses produtos específicos, é a tentativa de obter talvez e mesmo resultado - plantas mais capazes de suportar o frio a partir da engenharia genética na própria raiz ~~genética~~ genética da soja. De forma que eles teriam uma ampliação não apenas da área de plantio como também da produtividade da soja. E que evidentemente se nós não tivermos o antídoto para isso que é termos também uma soja de maior produtividade e como também para todos os produtos, e porque ~~isso~~ não em todas as atividades econômicas, eu diria nós estaremos fadados a nos atrasar relativamente ainda que as condições de solo, clima e tudo mais sejam muito boas, a capacidade empresarial nossa, ~~que~~ hoje, seja adequada e o sistema de transporte tudo mais, podemos perder todo esse patrimônio que já é acumulado por gerações e esforço dos produtores paranaenses aqui no Paraná, porque não ficamos atentos para que o fenômeno por esse fenômeno de larga transformação.

É claro de que esses são apenas 2 pequenos exemplos que passariam diretamente - à nossa base produtiva: Agora os exemplos se multiplicariam e eu não gostaria de me alongar demais nessa exposição. O que está claro é de que o Paraná tem uma vocação para produzir tudo aquilo que tenha capacidade de competição isso eu sei, é uma tautologia, lógico, mas ele rante com determinados cenários mentais que permanecem ainda na mente de diversos paranaenses de que nós temos vocações específicas. Ora as vocações específicas foram historicamente ~~as~~ dadas por condições especiais de ~~as~~ vantagens comparativas estáticas, ou vantagens comparativas dinâmicas. Vantagens comparativas dinâmicas essas podem ser criadas pelas próprias condições de trabalho dos ~~os~~ brasileiros.

Vocês sabem ainda na última eleição...

O SR.: ... pelas próprias condições do trabalho do brasileiro. Vocês sabem que na última eleição de 1.930, que o candidato à Presidência da República dizia que o Brasil não era um País industrializado, porque a sua vocação natural era a agricultura, onde a unidade produtiva básica era a fazenda. Até no liminar dos anos de 1930 quem em sã consciência poderia dizer que o Brasil, 50 anos depois, teria um parque industrial que tem hoje, ou seja, quando eu começo a dizer que nós temos a capacidade de desenvolver produtos com base tecnológica avançada, robôs, máquinas numéricas, produtos biológicos, farmacêuticos, químicos de largo espectro de potência e pureza, aparece logo aos olhos de alguns brasileiros, de que estamos falando de um futurismo, que estamos falando no ano de 2.100.

Eu estou falando que isso está ocorrendo hoje em países que têm uma base semelhante à nossa e que estão numa órbita em que nós estamos inseridos e que vão nos impor estas condições de competição e que se nós não temos essa capacidade de competir, nos estruturando no desenvolvimento dessas novas fórmulas de produzir, aí sim, hoje nós estamos historicamente provocando o nosso atraso. Hoje eu traço essa mensagem querendo augurar que os Deputados que estão com essa tarefa, saibam perceber não apenas os anseios concretos de hoje, o concreto vivencial da população paranaense no dia de hoje,, e que já não são poucos os problemas, mas que têm também e inspiram-se na experiência histórica dos povos para que hoje plantem o nosso futuro e que esse futuro possa ser melhor do que é hoje.

Eu agradeço.

O SR. PAULINO DELAZERI : Se o senhor Presidente me permitir, eu teria uma pergunta a fazer, que seria sobre a questão da importação de tecnologia para acompanhar esse desenvolvimento tecnológico que acontece no mundo desenvolvido. O senhor acha que é só importante ou o Brasil com a sua tecnolo-

gia em setor mais específico pode acompanhar. Essa é uma pergunta que me interessa muito porque é esclarecedora.

O SR.: Eu diria que o senhor coloca já de antemão duas linhas distanciadas. Uma delas, é o país importar integralmente a tecnologia e a outra seria a hipótese de desenvolver integralmente toda a tecnologia.

No meu entender, as duas posições d'ispares são impossíveis historicamente. O que nós devemos fazer e não há um roteiro, não há um manual e não há uma posição definida, é combinar, sem dúvida alguma, combinar as duas formas de acesso aos novos padrões tecnológicos. Sem dúvida alguma, tecnologia entendida como ciência aplicada ao processo produtivo, exige uma base científica de que em diversos setores nós não temos suficientemente desenvolvido.

Então deveremos fazer um esforço de desenvolvimento de ciência básica, digamos assim. Isso convém que nós venhamos a fazer ...

O SR x ... convém que nós venhamos a fazer, mas, mesmo no fazer esse esforço, não há porque não recorreremos as Universidades do exterior trazendo professores, remetermos os nossos Professores para aprender esses novos conhecimentos científicos, enfim, fazermos um intercâmbio com o resto do mundo, nesses termos.

Agora, um segundo esforço, diz diretamente já a absorção da tecnologia ~~paralela~~ vários objetivos.

Ora, aqui também nós temos as duas possibilidades, eu acho que as duas somadas interagindo inclusive, ^{é que} correspondem as respostas mais adequadas variando a dose dessa soma de setor para setor.

Existem em algumas áreas, onde determinados conhecimentos aplicados ao processo produtivo, estão envolvidos com tal grau de identidades e conhecimentos tecnológicos, que nós levaríamos talvez 20, 30 anos se procurássemos começar do zero, seria quase como (ininteligível).

Então, nesse caso em alguns segmentos do processo produtivo moderno mais avançado, talvez nós possamos recorrer a compra a aquisição mediante a apropriação, nós estamos ~~fazendo~~ pagando pela aquisição e a apropriação intelectual do direito de conhecer essa tecnologia, portanto, uma transferência, é a compra e a transferência da tecnologia.

Em outros casos, nós compramos a transferência da tecnologia ou diretamente de outras empresas, nos casos em que elas põe a venda, no caso em que essas tecnologias são disponíveis em alguns setores, em algumas áreas, ou então, tentando ao nível do capital (...).

Em outros momentos, há segmentos do processo de conhecimento e que nós temos com a base científica já desenvolvida e com a base técnica existentes nas nossas empresas, a capacidade de se organizarem, realizarem os investimentos voltados para a superação de determinados tipos de problemas e ~~problemas~~ conhecidos.

O SR., não há porque nesses casos, nós ficarmos comprando caixas pretas ou fazendo "Royalties", por algo que nós temos capacidade de desenvolver.

Mas de qualquer maneira, o que eu estaria tentando dizer aos Srs., de que é preciso, e isso claramente alguns dos expositores que me antecederam já colocaram, desenvolver aí concretamente uma programação de uso dos recursos para áreas de desenvolvimento tecnológico, o qual, nós temos capacidade e que as últimas transformações do aparelho produtivo foi fatal, como o fechamento do nosso Ministério de Ciência e Tecnologia, sem a colocação de uma nova política, meramente uma transformação que ficou apenas ao nível esquemático, a extinção do ~~Ministério~~ Ministério, a junção de outras, sem que nós tenhamos definido nenhuma nova outra linha, é preocupante.

Com o avanço para o Brasil, nós temos a questão da Ciência e Tecnologia tratada a nível de Ministério, e agora ao invés de isso retroceder, eu diria não necessariamente, é ruim, mas as ~~modificações~~ ~~modificações~~ que nós temos até o presente momento é que extinguiu-se um Ministério e não se criou ainda as normas de ~~liberação~~ de qual é a norma política a ser adotada, ou a ~~continuidade~~ destas modificações, quer dizer, é preocupante que o País extinga um órgão que tinha por finalidade específica cuidar disso agregue a um outro e esse outro ainda não tenha definido nenhuma norma, na verdade nós provocamos em última análise uma certa paralisação, de um dos aparelhos do Estado, que eu julgo críticos por causa dos antecedentes...

O SR. RAFAEL GRECCA - Uma série de acordos previamente estabelecidos, com o Governo dos outros Países e agora não tem com quem conversar, não tem mais um Ministro, não pode fazer mais a nível de Ministério.

O SR. : A greve que eu estava ...

Sr. ... a greve que o Deputado acabou de expor, a gravidade, não apenas de desagregar um trabalho que já vinha sendo feito. Mas, desagregar esse tipo de trabalho que já vinha sendo feito, no meu entender, insuficientemente para o grau do desafio histórico que estamos submetidos, dos quais uma boa parcela da população não tem essa noção de premência do que significa isso e, ao mesmo tempo em que não se criam novas condições. No momento em que eu diria que é necessário acelerar, aprofundar, aperfeiçoar os instrumentos existentes, enfim, correr por essa linha, nós estamos adotando uma linha que no fundo é paularizar e nós estamos correndo contra o tempo. Isso é muito grave e acho que isso denota uma certa não percepção qualitativa do fenômeno. Explicite melhor o que eu quero dizer como qualitativo.

No fim do século passado em 1890 até 1930, 1940 até o início da segunda Guerra Mundial, a Argentina era classificada como um dos países desenvolvidos do mundo. Ela era chamada no conserto das nações, das mais poderosas. Ela era muito rica se eu posso traduzir dessa forma.

E um detalhe muito especial, a renda per capita da Argentina em 1920 era superior a renda per capita do Japão, que desde 1865 já vinha num processo de industrialização acelerada. Já tinha ganho a guerra em 1905 contra a Rússia. Já era um país industrializado.

Ora, pelo fato de que no interior do território Argentino, portanto, no interior geo-econômico a Argentina não tinha endogeneizado aquela base produtiva industrial, primeiramente e, industrial nos padrões que emergiram da segunda Revolução Industrial do fim do século passado, a Argentina não tinha isso endogeneizado, ela atrasou-se historicamente. E hoje ela é um país semelhante ao nosso, avançando industrialmente, mas é seguramente um país ainda...

Isso quero dizer, enquanto que o Japão tinha uma renda per capita menor, produzia em termos mundiais muito

simo menos que a Argentina, porque o valor do produto japonês era muitíssimo menor. A sua presença no comércio internacional era extremamente mais reduzido do que a Argentina, é evidente. Tinha um mercado muito pobre e recursos naturais, então, paupérrimos, foi o que foi uma potência industrial capaz de se lançar numa aventura bélica, infelizmente, como foi a segunda Guerra Mundial já então em 1930. Os senhores imaginam o que é isso, porque ela tinha no seu bojo aquele núcleo qualitativo, que a diferenciava substancialmente da Argentina que era mais rica. E esta é a questão crucial do Brasil.

Se o Brasil não acompanhar essa mudança que está ocorrendo que é o porvir, um novo padrão dos países industrializado, se não tivermos um certo grau de difusão nesse novo padrão do nosso tecido conjuntivo, nós estamos nos candidatando a sermos um país retardatário historicamente e estarmos submetidos, como estamos a determinado grau de subordinação indesejável aos interesses que não são propriamente melhores do ponto de vista do povo brasileiro.

Muito obrigado.

PRESIDENTE (Rafael Greca) - Para concluir o painel nós vamos ouvir a senhora Rosa Moura que é técnica da Coordenadoria da Região Metropolitana de Curitiba sobre Política Urbana. Ela vem convidada pelo Deputado Pedro Tonelli do Partido dos Trabalhadores. É a geógrafa Rosa Moura.

ROSA MOURA - Eu queria cumprimentar os presentes.....

07/03/89

mim

19,20 hrs.

-1

A SRA. ROSA MOURA:--... de cumprimentar os presentes, agradecer a oportunidade de poder falar um pouquinho do movimento urbano nacional para vocês, como sou a última da noite pre- tendo não me alongar, porque acredito que todo mundo está cansado.

Com, eu vou falar sobre um tema bastante controvertido, bastante difícil de ser trabalhado na atualidade / que é o urbano e o regional. Do urbano muito se fala, pouco se faz sobre ele, do regional menos se fala e muitos problemas vem trazendo hoje para o urbano da cidade.

Eu gostaria de dizer que a preocupação nos técnicos da região urbana de Curitiba, e de outros ~~EXXOXOXOX~~ órgãos do Estado com a questão urbana é exatamente porque a questão urbana é o habitat de 70% da população paranaense, e é um habitat com muitos problemas, com muita coisa acontecendo, inclusive / com muita oferta de ilusão!

Além do urbano que é para onde se dirigem aqueles que perderam todas as oportunidades, dentro do rural, e / por isso que eu coloquei a ilusão do urbano, porque buscam na cidade aquilo que dizem que a cidade oferece, ou seja melhores condições de vida, emprego, melhores salários, melhores serviços, casa. No entanto, esses trabalhadores, esses empregados, quando chegam na cidade percebem que realmente foram iludidos e aqui não encontram metade daquilo que estavam buscando, encontram o contrário, / péssimas condições de sobrevivência, dificuldade de encontrar um / lugar para morar, onde botar a família morando dignamente, passam a ser pressionados, e passam a morar nas periferias da cidade.

No caso de Curitiba, que é um exemplo que nós temos de muito concreto aqui, a cidade de Curitiba ela começou a receber um fluxo migratório do interior do Paraná, na década de 70, muito grande. Esse pessoal foi expulso do campo e inicialmente chegou dentro da cidade, conseguiu criar em Curitiba uma série de

favelas, conseguiu montar na periferia do Município de Curitiba/ numa série de loteamentos difíceis de construir, conseguiu se al_ojar e morar, algum tempo aí.

Esse pessoal que chegou em Curitiba, num curto espaço de tempo teve que deixar Curitiba, porque quanto mais gente chegou aqui, e a medida em que o poder aquisitivo do trabalhador urbano, que trabalhava em Curitiba em péssimas condições, esse trabalhador, com baixo poder aquisitivo, esse migrante recém chegado teve cada vez mais que sair, se distanciar do centro e se distanciar dos locais de trabalho, quer dizer, quando conseguiu trabalho, se distanciar dos sinais onde eles vendem, dos prédios/ que estão construindo aqui na cidade e formar ao redor do Município de Curitiba, nos limites da cidade, manchas de ocupação periférica bastante densa, contínua, ou seja, Curitiba cresceu para fora, para os outros Municípios, não chegou na sede dos Municípios. Então Curitiba criou um problema para os outros Municípios,

Com, o Poder Público desses Municípios que é um Poder Público enfraquecido de recursos, de capacidade / de gerência administrativa, de oferta de serviço e tudo mais, eles se depararam com um problema quase que insólito, ~~XXXXXXXXXXXX~~

Essas periferias que foram formadas e- las não encontraram condições institucionais de planejamento para/ ocupação de solo, planejamento mesmo das cidades que permitissem / construir ou encontrar loteamentos abertos em condições perfeitas, bom aí aconteceu o que a gente vê hoje na cidade, se Curitiba é uma cidade altamente desenvolvida, é um polo que oferece serviços es- pecializados, qualidade de vida que foi considerada uma das três/ melhores do mundo, a melhor do Brasil, por outro lado, Curitiba / ainda tem nela esta periferia, onde vive esta contradição. Enquanto a economia cresce, o potencial cada vez mais se torna realidade, / por outro lado a periferia traz com ela problemas da ordem de sa- neamento, saúde, habitação, transporte coletivo. Enquanto dentro/

07/03/89

mlm

19,20 hrs.

113
-3

da cidade o sistema de transporte coletivo é ótimo, elogiadíssimo/
e conhecidíssimo mundialmente, nós temos em sua periferia péssimas
condições de transporte desse trabalhador.

Bem, este espaço -e nossa preocupação, esta ~~periferia~~ periferia é nossa preocupação, porque ela constitui entã
tão o que a gente passa a chamar de região. Nós deixamos de tratar
municípios isoladamente, nós deixamos de tratar Curitiba, Almiran
te Tamandaré, nós passamos a tratar uma área metropolitana, onde...

19:25 - 1 -

■ SR. ROSA MOURA... área metropolitana, onde você tem o polo, você tem todo esse torno e onde você tem todos esses graves problemas.

Eu não quero fechar o exemplo em Curitiba, nós temos isso acontecendo na região de Londrina e nós temos isso se repetindo em outras regiões do Estado do Paraná, porque fenômeno, é um fenômeno inevitável. Agora, nós teremos / então que falar o que a Constituição Federal reservou para a questão regional. Bem: A nível de planejar os espaço dos Estados, das regiões e das cidades, a Constituição Federal foi muito precisa, ela aliou o planejamento do desenvolvimento / econômico e social à dimensão espacial, então hoje, já se ag de planejar o desenvolvimento em cima do espaço. Agora, literalmente o texto constitucional dá uma força muito grande a a coisa de tecer diretrizes de desenvolvimento, Política de / desenvolvimento, que são competências fixadas com a união; e também, deixam muito claro a competência do Município em executar a Política de desenvolvimento urbano. Bem, o problema é que a Política do desenvolvimento urbano se executado pelo Município, se restringe aos espaço urbanos no Município, as diretrizes se restringem a um espaço bastante maior. Como é que fica a gestão dentro do Estado daquilo que transcende a área da cidade, a área urbana especificamente, e começa a se embrenhar em várias áreas que saem ~~justas~~ de um urbano e passam a tecer toda uma região.

Outra coisa também, como é que fica o espaço rural dos Municípios que dentro da própria região metropolitana eles fazem parte de 90+% da área física da região metropolitana institucional, que agora nós estamos discutindo / inclusive se ela fecha nos limites atuais ou se ela já precisa de ser retrabalhada e redefinida, porque ficou transferido para cada Estado da Federação definir as suas unidades regio-

A SR. ROSA MOURA... unidades regionais. Bem, no nosso entendimento, é o seguinte: Não adianta dada Município definir uma Política urbana perfeita, uma Política urbana que consiga contemplar todas as suas necessidades se nós não tivermos (inaudível) ... disso tudo, não adianta o Município de Curitiba ~~se~~ sair muito bem com o seu planejamento urbano se ele não for acompanhado de diretrizes regionais que contemplem todos os Municípios que estão aqui, gerando recurso dentro de Curitiba, trabalhando em Curitiba, gerando ^{impostos} em Curitiba e demandando ~~com~~ os Municípios com o vizinho. A nossa proposta é que se comece a pensar com ênfase à região; e já que a Constituição Federal delega, faculta do Estado a criação / das regiões e faculta ao Estado a criação de regiões metropolitanas, aglomerações urbanas, que seria no caso um seguro, / um tipo diferente, vulgarmente falando, um tipo menor de região metropolitana e as micro-regiões, nós estaríamos pensando em trabalhar um pouco mais nessa questão, em propor que a / Constituição do Estado do Paraná crie este instrumento de ação para que a gente possa retratar o desenvolvimento efetivo do Estado, ou então nós teremos cidades desenvolvidas e cidades extremamente dependentes. Um último exemplo que eu dou aqui / dessa ~~da~~ dificuldade de se trabalhar regional, a Constituição Federal no que diz respeito à Política tributária, ela foi / muito feliz em termos para os Municípios, no entanto, ela não criou nenhum mecanismo de contentação tributária aos municípios que exerçam por exemplo atividades restritivas da implantação de atividades produtivas. O nosso exemplo, um Município que a gente sempre dá um exemplo (INAUDÍVEL) ... então o Município que não pode desenvolver dentro dos seus limites administrativos uma série de atividades, geradoras de emprego e de / rendas. No entanto, a Piraquara, ela acaba sendo, tendo em pinhais um dos maiores polos dormitório de Curitiba. A demanda toda de pinhais (inaudível) ... e Piraquara pouco tem como

OA SRA. ROSA MOURA... pouco tem como incrementar a sua receita para ofertar serviços, a nossa Constituição não prevê nenhuma saída para esse tipo de problemas.

Outro exemplo que a gente dava, essa / coisa de periferia de Colombo, Colombo tem mais de 90% da população urbana do Município morando aqui nos limites administrativos com Curitiba, os 10% que restam estão na sede. Cabe-ria ao Município atender as demandas de sua sede urbana com / muita tranquilidade. No entanto, como é que ele vai se arcar

....

07/03/89

EZ

-1-

19:30

A SRA. ROSA MODRA-... arcar com o atendimento das demandas e de toda esta população, que está morando na periferia de Curitiba.

Com todas estas preocupações, a COMEC coordenou um trabalho, que reuniu técnicos de todas as instituições, de várias instituições do Estado, inclusive do IPARDESS do IPPUC, da Universidade Federal, representantes dos Sindicatos dos Arquitetos, dos Economistas, dos Sociólogos, Associação de Geógrafos, Engenheiros, e nós produzimos uma proposta, uma proposta compartimentada em quatro capítulos.

No 1º capítulo, que trata da política do desenvolvimento do Estado do Paraná; porque nós não podemos falar em regiões, se nós não tivermos também a relação delas a nível de Estado.

Um 2º capítulo, que a gente está propondo, a regionalização do Estado e a gestão destas regiões com a soma da ação do poder público; nas três esferas de poder marca a sociedade civil organizada.

Um 3º capítulo, que trata da gestão local da cidade / também com o mesmo princípio, a gestão pelo poder público, e com a participação da sociedade civil. E um último capítulo, que faz referência à política habitacional.

O que mais nos motivou a este trabalho foi a abertura que a Constituinte Federal já deu a participação de técnicos para / subsídio aos parlamentares. Como o Estado do Paraná também deu esta abertura, nós estamos dispostos a subsidiar, a contribuir, a discutir sempre que for necessário.

Existem alguns documentos que a COMEC já produziu, de entendimento do texto da Constituição Federal, e já com algumas diretrizes, para que sejam observados a nível de Estado do Paraná, e, / que a gente coloca à disposição. E a gente também agora está tentando desenvolver um trabalho, já, para poder apoiar os Municípios, num momento em que eles vierem a elaborar suas Leis Orgânicas. As Leis fundamentais, são fundamentais.

07/03/89

EZ

-3-

19:30

aos Srs. técnicos do BADEP .

Agora, convido todos para amanhã, nova pauta de audiências públicas ,conforme foi anteriormente divulgado , começando com o Sr. Presidente do Banco Bamerindus , às 14:00 h da tarde.

É isso.